

# COM PARTILHA

*"Uma nova forma de morar"*

*"Projetando um coliving em Uberlândia"*



UFU - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
~ ARQUITETURA E URBANISMO ~



MARCELA PEREIRA LOPES

UBERLÂNDIA, 2019



UFU - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

~ ARQUITETURA E URBANISMO ~

COM  
PARTILHA

*"Uma nova forma de morar"*

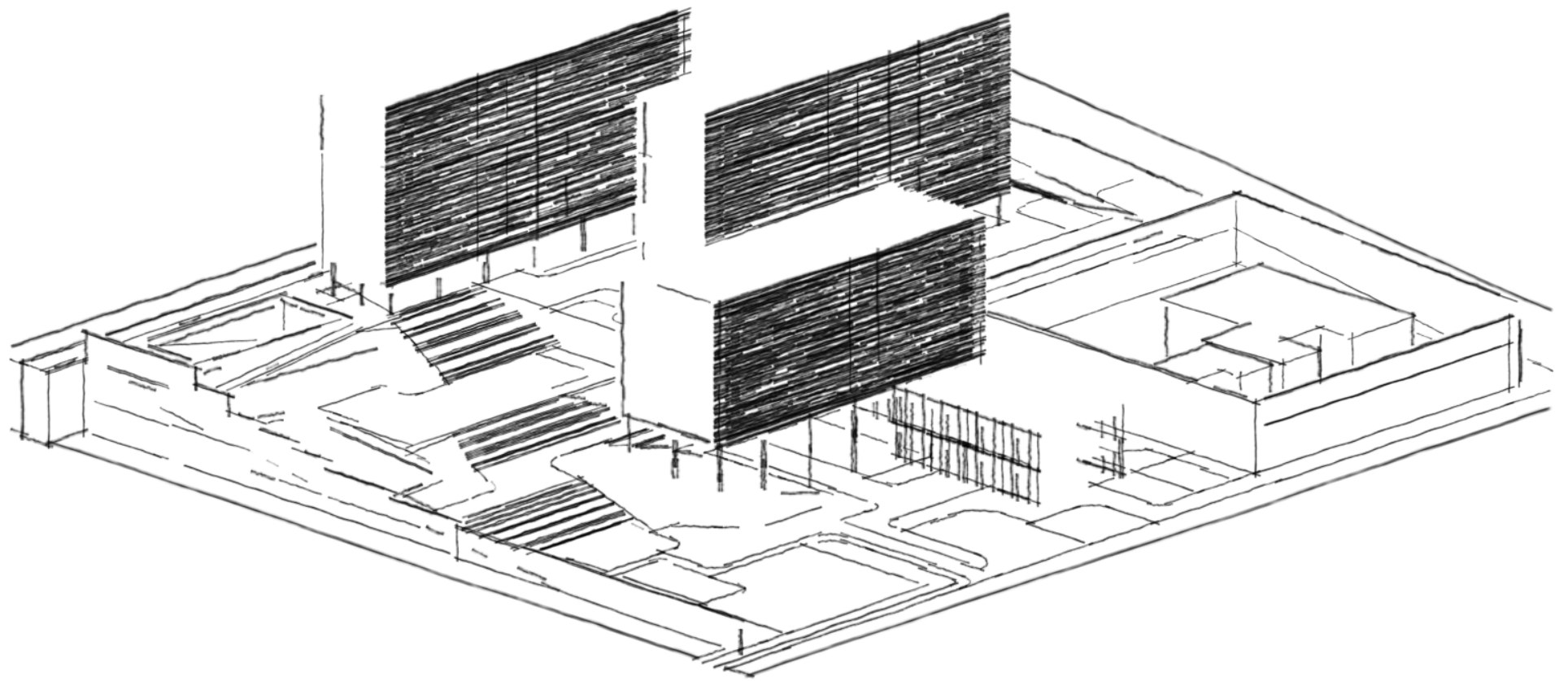
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Arquitetura.

Professor orientador: Juliano Cecílio Batista Oliveira

MARCELA PEREIRA LOPES

UBERLÂNDIA, 2019









# DEDICATÓRIA

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória na faculdade de arquitetura e urbanismo.

Todos os que me ensinaram de tantas maneiras: professores, funcionários, colegas, amigos.

Todos que me acolheram aqui na Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao meu orientador Juliano Oliveira, que aceitou meu convite sem ao menos me conhecer.

Aos professores André L. Araújo e o Fernando Garrafa, meus primeiros mestres quando entrei aqui na Universidade, por aceitarem participar da minha banca.

A minha família.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13	Em suma	59
CONCEITOS	15	O QUE CASA SIGNIFICA PARA VOCÊ?	61
SOBRE A PALAVRA COLIVING	17	Sobre os espaços em cada projeto	63
SOBRE COMPARTILHAR	19	Sobre as habitações íntimas de cada projeto	77
CIDADE EM MOVIMENTO	23	Sobre os espaços íntimos x espaços compartilhados em cada projeto	80
SOBRE O CENTRO	25	Analisando mais a fundo	83
SOBRE A DESCENTRALIZAÇÃO	29	Sobre um coliving existente	84
O ENTORNO FALA	33	SOBRE UM COLIVING EM UBERLÂNDIA	91
Sobre o terreno	34	A ARQUITETURA INDUZ	95
Sobre o sistema viário	35	Sobre os estudos	95
Sobre mobilidade urbana	38	Sobre a forma	97
Sobre os fluxos	41	Sobre os espaços e os usos	98
Sobre os usos	46	Cálculos	99
Sobre os equipamentos urbanos	47	Sobre os impactos	100
Sobre os cheios e vazios	52	O projeto	102
Sobre o gabarito	53	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
Sobre a topografia	54	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
Sobre a legislação	57		
Sobre a insolação e os ventos	58		



# INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende demonstrar através de estudos, uma proposta de moradia compartilhada com comércios e serviços em Uberlândia, e sugerir o compartilhamento de espaços como uma nova tendência, e uma resposta para uma sociedade para vez mais individualista, digital e monótona.

PALAVRAS-CHAVE:

Encontros; Convívio; Troca; Experiências;  
Compartilhado; Atrair.



# CONCEITOS

## DISPERSÃO

Quer dizer, separação (de pessoas ou coisas) por diferentes lugares ou direções. Este termo, ou melhor, a explosão em blocos do meu trabalho final pelo centro da cidade de Uberlândia, seria uma peça chave para os moradores e usuários do complexo de moradia compartilhada. Eles seriam capazes de percorrer distâncias caminháveis, desfrutar da cidade e das proximidades de serviços variados do centro. Os estacionamentos virariam lotes e rasgariam os quarteirões, auxiliando na fluidez da maciça área central. Entretanto, eu preferi me desconcentrar para poder atrair.

## ATRAÇÃO

Causador de encontros, potencializador de união. Algumas pessoas dizem que atraímos o que pensamos ou falamos, já eu acredito que o meio em que vivemos e os lugares que frequentamos são capazes de influenciar nas nossas vidas e hábitos. Tá bom, e o que isso tem a ver com atração... Bom, cada local que vivenciamos na cidade tem a capacidade de atrair públicos, e é esse poder de atração que nos desperta a vontade de conhecer ou voltar em um lugar.

A intensidade do poder de atração em cima das pessoas, varia de acordo com o que elas precisam ou querem no momento, e isso faz com que possamos juntar indivíduos com histórias diferentes em um mesmo lugar.

## EXPERIÊNCIAS

São os conhecimentos e aprendizados adquiridos diante de determinadas situações e elas podem ser compartilhadas a qualquer momento, em qualquer lugar. Quantas vezes não compartilhamos nossas vidas com pessoas desconhecidas nas filas de banco, banheiros, bares... e quantas vezes compartilhamos nossas vivencias com nossos companheiros, pais, amigos e orientadores. Enfim, a troca de aprendizado é algo corriqueiro e comum, mas com grande importância em nossas vidas, pois a partir do momento em que dividimos algo com uma outra pessoa, estamos agregando conhecimento em ambas as partes. Um simples encontro, pode estimular a criação de laços afetivos e de trabalho, e como já dizia Vinicius de Moraes em seu álbum Vinícius, no trecho da música Samba da Benção,

“A vida não é brincadeira, amigo  
A vida é arte do encontro  
Embora haja tanto desencontro por essa vida.”





# SOBRE A PALAVRA COLIVING

“Projetando um coliving em Uberlândia”

A primeira parte da palavra em uma separação de sílabas “Co”, é um prefixo que vem da preposição latina cum e significa “com”, expressa simultaneidade ou conjunto, é uma abreviação para coisas ou pessoas que possam estar em um mesmo lugar ou “unidas” de alguma forma.

A segunda parte da palavra “Living”, vem da língua inglesa e em sua tradução significa morar, moradia. A união de ambas, resulta em uma co-moradia, que nada mais é, no nosso português, que o compartilhamento de habitação ou residência por pessoas que não são necessariamente do mesmo meio familiar, mas que agem como uma grande família colaborativa, que divide a maior parte dos espaços, dos suprimentos, dos equipamentos e despesas, como contas de água, luz e gás.

O conceito coliving originou-se a partir de uma outra concepção habitacional similar, o

co-housing de 1970, (vamos falar dele mais para frente), mas com a diferença de que as pessoas moram num mesmo espaço físico. Divergente também das conhecidas repúblicas, a partição entre os inquilinos do coliving vai além das contas, os moradores estão intencionalmente juntos para desenvolverem ideias, projetos e experiências em conjunto.

A essência do compartilhamento em edificações desse modelo, não está presente apenas na formulação do espaço durante o projeto, ou nas finalidades financeiras e sustentáveis consequentes, ele aparece também na gestão do local, no dia a dia das pessoas que por ali passam ou residem, e na troca de experiências e conexões que tudo isso proporciona.

O conceito redefine a maneira de como as pessoas escolheram viver, conviver, trabalhar e se divertir.

De acordo com Marcelo Tramonano em sua

tese de doutorado “Novos modos de vida, novos espaços de morar (1998)”, a configuração dos atuais modelos de habitat reflete a nossa crescente independência dos indivíduos: a falta de necessidade de interagir pessoalmente quando se tem a possibilidade de se relacionar virtualmente com um número maior de pessoas. Desse modo, o tema “uma nova forma de morar” surgiu através do questionamento da adequação de um “novo modelo” ao estilo de vida urbano contemporâneo, onde o culto ao corpo e à personalidade, o consumismo e a sustentabilidade, a solidão, a privatização, o imediatismo e a conectividade digital, estão cada vez maiores, mais presentes e influentes.

O coliving, por sua vez, incentiva o encontro entre pessoas, através do compartilhamento de ambientes comuns, dentro de uma realidade dominada pelo distanciamento pessoal

e interação virtual.

“ Com o crescimento acelerado da densidade demográfica, principalmente nas grandes cidades, minimizar espaços e aproveitá-los ao máximo tornou-se algo essencial para as pessoas. Isso faz aumentar a pressão imobiliária, elevando, consideravelmente, o preço dos imóveis. (Nomads.usp e-pesquisas, 2007, pg. 11)

O padrão comportamental nas últimas décadas, de acordo com o IBGE, tem se alterado com grande intensidade. A família nuclear tradicional tem dado espaço para novas formas de famílias: casais sem filhos, adultos e jovens vivendo sós, mães e pais solteiros ou separados, além do crescente número de viúvos e viúvas. Além disso, como dito anteriormente, os modos de vida mudaram e diante dos novos cotidianos, a arquitetura residencial tem criado habitações com espaços cada vez menores e com preços cada vez mais exorbitantes, independente do público alvo.

Dessa maneira, possíveis clientes, como jovens e idosos, muitas vezes não conseguem

adquirir uma casa regular e ainda manter uma boa qualidade de vida, e por isso, alguns vão buscar novos estilos de moradia, que forneçam bem-estar, inspiração, inovação social, diminuição de custos e até mesmo sustentabilidade. E é, justamente, seguindo essa ideia de compartilhamento de experiências, convívios e de despesas que se baseia o conceito do coliving. As habitações podem ser privativas ou sociais (com mais de uma pessoa dividindo o mesmo dormitório), básicas ou luxuosas, fixas ou temporárias, maiores ou menores, tudo depende do perfil dos moradores. As áreas comuns, como a cozinha, sala de jantar, sala de televisão e sala de jogos, por exemplo, são predominantes em quantidade, tamanho e compartilhados, além do mais, ações sustentáveis relacionadas ao reaproveitamento de água e energia renovável geralmente estão unidas a esse tipo de conceito.

“ Basicamente, os moradores em potencial dessas unidades são pessoas recém-casadas, casais sem filhos, além de pessoas sós em diferentes etapas de seu ciclo de vida: jovens solteiros estudantes ou iniciando a vida profissional, adultos divorciados, idosos (...).

(Nomads.usp e-pesquisas, 2007, pg. 29)

Como alternativa aos micro-apartamentos, a ideia do projeto Com-Partilha é não tentar resolver todo o programa típico esperado para uma residência (sala, quarto, banheiro, cozinha, área de serviço etc) em um único espaço minúsculo. Ao invés disso, reduzir ao mínimo necessário o espaço privado e compartilhar o restante das infraestruturas. Estas poderiam ocupar espaços maiores e com melhor qualidade ambiental, além de serem mais equipadas.

# SOBRE COMPARTILHAR

Viver em comunidade traz inúmeros desafios desde os primórdios, e o conceito de moradia compartilhada entre pessoas que não são necessariamente da mesma família não é algo tão atual como se imagina, a partilha em repúblicas estudantis, por exemplo, surgiu no século 14, em Coimbra, Portugal, quando o rei D. Dinis promoveu a construção de casas que deveriam ser habitadas por estudantes, mediante pagamento de aluguel. E foi a partir

desse tipo de alojamento comum, que permitia minimizar os encargos financeiros, que vieram a surgir por evolução, as atuais Repúblicas. (Estanques, 2006, pg. 7)

No Brasil, as repúblicas começaram a surgir em 1876, com a fundação da Escola de Minas em Ouro Preto, e desde então, se espalharam pelo território nacional e aqui mesmo, na cidade de Uberlândia, podemos encontrar e visitar exemplos oferecidos pela própria Uni-

versidade Federal de Uberlândia. O compartilhamento desse tipo de habitação possui um foco maior na questão financeira dos estudantes, pois é um grande auxílio para reduzir gastos que não poderiam ser arcados sozinho pelos moradores, além de dar a oportunidade de uma moradia com melhores condições para eles. (Moraes, 2007, pg.5)

Em 1972, o conceito de moradia compartilhada apareceu de uma forma diferente na



( I )



( II )

( I ) Rua das Repúblicas, Coimbra, Portugal. Fonte: Associação Acadêmica de Coimbra

( II ) Moradia Estudantil UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, foto de 2012. Fonte: Universidade Federal de Uberlândia

Dinamarca, quando 35 famílias foram morar em casas construídas próximas umas das outras, como uma vila, com áreas comuns e de convívio. Esse ato foi mais tarde chamado “co-housing”. Este termo se aplica às moradias avulsas e privadas que dividem um mesmo terreno urbano e, portanto, formam uma unidade apenas nas áreas comuns, focando principalmente na sustentabilidade e no reaproveitamento de materiais. Apesar da popularidade desse conceito, com os avanços da sociedade moderna, as pessoas passaram a se isolar em pequenos mundos individuais e deixaram de lado a tendência do compartilhamento. (Bittencourt, Jessica. 2015, pg.7).

De acordo com os principais teóricos sobre o tema, McCamant e Durret (2011), nesse tipo alternativo de comunidade não deve existir hierarquia, permitindo assim que todos participem de sua manutenção e gestão.

( III )



soas com propósitos parecidos e dispostos a conviverem em harmonia.

A volta da popularidade dessa formulação habitacional é explicada a partir de alguns fatores da sociedade contemporânea como o empreendedorismo jovem e dinâmico, que criou espaços compartilhados para trabalhar, a crescente conectividade digital, e também as novas profissões liberais, que abriram um vasto campo de home office e profissionais nômades. Os mesmos profissionais dessa “nova geração”, capazes de criar espaços para trabalhar em conjunto, também viram no co-living uma maneira de compartilhar projetos, atividades, despesas e tarefas cotidianas,

tornando a vida prática mais simples, menos cara, com maior mobilidade e cheia de experiências enriquecedoras com pessoas que têm algo em comum.

“Seria engraçado se eu te dissesse que começamos a viver em uma Era onde o “co” estará cada vez mais presente em nossas vidas?”

Bom, começamos a partir dos coworkings, que surgiram em 2005, a inovação que transformou os escritórios monótonos, solitários e cheios de manutenções, em espaços com-

( III ) Desenho explicativo Co-Housing. Fonte McCamant e Duret (2011). Nota: Imagem traduzida por Bittencourt, Jessica.

partilhados, flexíveis, criativos e com ótima infraestrutura, sem que haja necessidade de você se prender a ele e voltar a uma rotina comum.

Em 2009, surgiram os aplicativos que oferecem caronas pagas, que são uma forma de compartilhar os automóveis privados e contribuir com a troca experiências entre o motorista e o usuário do aplicativo. Estes, estão cada vez mais disseminados nas cidades e facilitam bastante a vida da população que não tem carro ou que deixou de ter para utilizar esse meio, devido a sua rapidez e custos inferiores quando comparados aos transportes particulares que eram alugados antigamente.

Em 2010, começaram a reaparecer projetos focados no conceito coliving, e a partir daí a tendência tem se espalhado pelas principais capitais do mundo, muitos projetos uniram-se aos coworkings e estão reformulando a moradia tradicional e o trabalho individual e monótono das pessoas. No Brasil, os projetos que seguem esse tipo de conceito para habitação mista começaram a ser implantados em 2013 principalmente na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo.

O compartilhamento de outras coisas como

bicicletas, carros e patinetes, também são realidades no Brasil, e quando falo em compartilhamento de carros, não digo que são os com motoristas, mas sim os próprios veículos estacionados nas ruas, que podem ser utilizados pelos usuários cadastrados em aplicativos quando e onde precisarem, sendo deixados em alguns locais específicos para que outras pessoas cadastradas também possam usufruir. O mesmo vale para as bicicletas e patinetes.

(Caso se interesse, procure no celular os aplicativos Urbano Car Sharing, Car2go e Mobike. A partir deles é possível entender um pouco mais sobre o que eu estou falando.)

Me refiro a Era “co”, como um estilo de vida que ainda tem muito o que se adaptar e ampliar, no entanto, já desperta atenção de muitas pessoas pela forma em que aparece, em como consegue facilitar o cotidiano das pessoas, seguir as tendências contemporâneas e o mais importante, auxiliar na sustentabilidade e nos conceitos ambientais que antes não vinham sendo pensados. O conceito “co” veio mostrar para todas as pessoas que o mundo pode ser muito mais legal, justo e sustentável, quando compartilhado.



# CIDADE EM MOVIMENTO

“Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado; um homem jovem com os cabelos brancos; uma anã; duas gêmeas vestidas se coral. Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena: um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher-canhão. Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou alglomeram-se sob uma tenda de bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos.”

(Calvino, 1990, p.51)

A cidade é movimento. E esse movimento oscilante, repetitivo e diário é o fator decisivo para as definições das áreas de interesse, dos centros, do perto e do longe e das periferias, as Cidades Genéricas de Rem Koolhaas, decisivas para a locação do meu projeto, como veremos mais para frente.





# SOBRE O CENTRO

Uma das mais importantes áreas de uma cidade, independentemente do tamanho da mesma, são os centros urbanos. São regiões que trazem a identidade das cidades, carregadas de história, construções simbólicas, densamente habitadas durante o dia e em horários comerciais, pouco habitadas em horário pós-comercial, e com alto fluxo de carros e transportes públicos. Região que geralmente muitos trabalham e poucos moram, seja devido ao alto valor do metro quadrado, desproporcional ao pequeno tamanho, ou a má condição visual e habitacional, proveniente da ausência de cuidados e atenção daqueles que governam.

No caso da cidade de Uberlândia, o Centro possui uma quantidade variada de comércios e serviços que atendem grande parte da população, condomínios residenciais verticais, muitos estacionamentos pagos, sejam eles em lotes desocupados ou em zonas delimitadas nas ruas, e a proximidade do terminal de ônibus mais importante e fluido da cidade, o Terminal Central. Além disso, essa região também contempla o projeto do VLT, que prevê uma linha capaz de conectar o Centro a outras localidades da cidade.

Em específico e diferente de outras cidades, o centro de Uberlândia é relativamente “novo”, ou seja, possui um predomínio de construções historicamente “novas”, e por isso não se encaixa no perfil de uma região abandonada ou desapropriada, característica visível no centro urbano de várias outras cidades.

Devido a sua quantidade de serviços e comércios, unido a alguns serviços 24 horas, casas de shows, bares, boates e unidades residenciais, o movimento diurno e noturno é relativamente constante.



(IV)

(IV) Demarcação do perímetro do Centro de Uberlândia. Fonte: Google Maps.

No entanto, não devemos comparar a quantidade de movimento diurno com o noturno, pois a proporção de pessoas na rua durante o horário comercial é maior do que no horário posterior.

A partir desta análise, concluí que o Centro da cidade de Uberlândia seria um ótimo local para instalar o meu projeto de conclusão de curso, que tem como essência a troca de experiências e redução de custos, através da moradia compartilhada, coliving.

No entanto, é exatamente graças a todas essas qualidades de serviços próximos, facilidades, identidade e o peso histórico, que não irei escolher o centro de Uberlândia para inserir o meu projeto. Acredito que, assim como descreve Rem Koolhaas, em seu capítulo sobre a Cidade Genérica, no livro *Três Textos Sobre a Cidade* (2010), as identidades históricas das cidades limitam o crescimento e surgimento de novas centralidades urbanas, e os recursos oferecidos pelo antigo, não são capazes de suprir e acompanhar o crescimento significativo da população, pois já está a demasiado tempo sendo utilizado, e mesmo assim, persistimos e temos um exílio coletivo pelo mesmo. O autor entende que

“O facto do crescimento humano ser exponencial implica que o passado se tornará em dado momento demasiado pequeno para ser habitado e partilhado por aqueles que estão vivos. Nós mesmos os esgotamos. Na medida em que a história encontra o seu depósito na arquitectura, as cifras actuais da população vão inevitavelmente disparar a dizimar a substância existente. A identidade concebida como forma de partilhar o passado é uma proposta perdedora: não só existe – num modelo estável de extensão contínua da população – proporcionalmente cada vez menos o que partilhar, mas a história tem uma ingrata meia-vida – quanto mais se abusa dela, menos significativa se torna – até chegar o momento em que as suas decrescentes dádivas se tornam insultuosas.”  
(2010, p. 31,32)

Além disso, Koolhaas ainda explica que quanto mais poderosa for a identidade central, mais ela nos aprisiona, mais resistente ela é a expansão, a interpretação, a renovação, a tradição e a contradição, mais ela fixa os indivíduos, que continuam a utilizá-la.

O centro sofre um paradoxo, que ao mesmo tempo obriga-o a ser o mais velho e o mais novo espaço da cidade, o mais fixo e o mais dinâmico, com a adaptação mais intensa e mais constante, que ao mesmo tempo se vê comprometida e complicada, pelo fato de ter que sofrer uma transformação invisível aos olhos nus e irreconhecível.

Insistir no centro de Uberlândia para a escolha do terreno, devido a sua identidade central, aprisionaria, de certa forma, o meu projeto e os futuros moradores, visto que, permaneceriam fazendo parte desse ciclo vicioso entre desfrutar de um local demasiado “pequeno”, para cumprir todas as obrigações que lhe estão consignadas, e o bloqueio da expansão, a partir do comodismo, para novas localidades e vivências.

O autor defende a propagação da cidade, e usa o termo “Cidade Genérica”, para explicar a cidade libertada da clausura do centro, do espartilho da identidade.

“A Cidade Genérica rompe com o ciclo destrutivo da dependência, não é mais do que um reflexo da necessidade actual e da capacidade actual. É a cidade sem história. É suficientemente grande para toda a gente. É fácil. Não necessita de manutenção. Se se tornar demasiado pequena simplesmente expande-se. Se ficar velha, simplesmente autodestrói-se e renova-se. É igualmente emocionante – ou pouco emocionante- em toda a parte”.

(2010, p.35)

Ainda dentro do contexto de Cidade Genérica, Reem Koolhas ainda faz referência a Londres, que de acordo com o autor está cada vez mais ausente de uma identidade central clara e por isso, está perpetuamente a tornar-se cada vez menos Londres, mais aberta, menos estática e mais bem vivenciada.

Dessa maneira, casando com as experiências que pretendo proporcionar para os moradores do projeto e para sua vizinhança, nada mais justo que deslocar o meu empreendimento para uma dessas “Cidades Genéricas”, onde eu possa desvincular-me do centro da cidade e criar, com meus próprios programas e serviços um novo ponto de atração de indivíduos na cidade de Uberlândia.



# SOBRE A DESCENTRALIZAÇÃO

“Quais são as desvantagens da identidade e, inversamente, quais as vantagens da vacuidade?”

É com essa pergunta, retirada do livro de Rem Koolhaas, 2010 p.31, que inicio as minhas explicações e intensões que justificam a área escolhida para alocar o meu trabalho de conclusão de curso.

Deslocar o meu projeto de moradia compartilhada para um local menos denso e “desprovido” de serviços da cidade, tem com estratégia potencializar a essência do meu coliving, que é criar um ambiente agradável e satisfatório que tenha além da diminuição dos custos residenciais diários, troca de experiências cotidianas com a finalidade de um crescimento pessoal e de trabalho.

Uma vez, implantando o complexo no centro da cidade, onde os serviços e comércios já es-

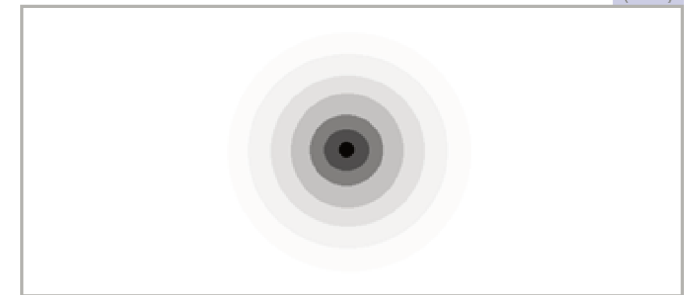
tão instalados, a troca não seria tão completa quanto a introdução de serviços junto a nova moradia, capaz de captar pessoas de regiões próximas, entornos ou de outros pontos da cidade para usufruírem da novidade criada. O centro é um ambiente consolidado e restrito, capaz de convergir, ao invés de expandir. De acordo com Koolhaas, a identidade centralizada, insiste numa essência, num ponto e na limitação, e a Cidade Genérica na expansão.

Para essa ideia ficar mais clara, vamos fazer uma analogia com circunferências, descrita no livro de Rem Koolhaas. (2010, pg. 33), e reescrita por mim:

Imagine uma superfície plana preta limitada por uma circunferência chamado de centro, desenhado em uma folha de papel em branco, e que de tempos em tempos dobra de tamanho. No entanto, proporcionalmente ao aumento do diâmetro do círculo, mais clara

fica a cor de sua superfície plana.

(V)



Percebemos, portanto, que ao dobrar consecutivas vezes o seu tamanho, os círculos tornam-se mais nítidos, até chegarem próximo a cor branca.

A partir dessa experiência, conseguimos concluir que à medida que se expande a esfera de influência (círculo preto), a área caracterizada pelo centro torna-se cada vez maior e mais diluída, e tem, por consequência, uma perda de força e autoridade de núcleo. Com isso, Koolhaas conclui que,

“ Desta forma a distância entre o centro e circunferência expandida aumenta até o ponto de ruptura, surgindo as periferias, que foram, de acordo com o autor, descobertas e valorizadas pela arquitetura, tardiamente como zonas de valor potencial.

Sem o centro não há periferia, o interesse do primeiro, compensa presumivelmente a vacuidade do segundo, uma vez que, o centro enfatiza as insuficiências existentes nas periferias.

(2010, p.33)

Dessa maneira, justifico a escolha do meu terreno fora do centro de Uberlândia, demonstrando que a periferia me garante a criação de novos programas e potenciais, diferentes das identidades centrais e que podem valorizar ainda mais a essência do meu projeto.

Bom, agora que todos já entenderam os motivos pelos quais comecei a procurar um terreno fora da identidade central, eu gostaria de explicar os motivos que me levaram a chegar, enfim, na área escolhida.

Focada em periferias oriundas pelo experi-

mento de expansão do círculo preto descrito acima, passei a estudar as regiões de Uberlândia e a pontuar o que eu realmente acreditava que fossem potencialidades de entorno e que poderiam agregar positivamente, para o programa do meu projeto e o conceito proposto por ele. Estar em um local com fácil acesso e com capacidade fluida, que pudesse se conectar facilmente com as outras áreas da cidade principalmente através de transportes públicos, é de extrema importância para o coliving, pois com base na justificativa da troca de experiências, estar em um local em que o escoamento de trânsito seja amplo, aumenta a capacidade de ir e vir do cidadão, e por consequência, afeta na qualidade do dia a dia do indivíduo e proporciona o encontro entre pessoas de localidades completamente diferentes. Rem Koolhaas, ainda em seu livro sobre a Cidade Genérica, confirma a importância do percurso no dia a dia das pessoas,

”

“

O mesmo percurso, pode proporcionar um grande número de experiências completamente diferentes: pode durar poucos minutos ou uma hora, pode ser compartilhado com quase ninguém ou com toda a população. (...)

(2010, p.38)

”

Foram feitos estudos através de mapas de Hierarquia Viária da cidade de Uberlândia, retirados do site da prefeitura, unido com a quantidade de pontos de ônibus que cada região podia oferecer, informação disponibilizada através de um aplicativo chamado Moovit, produzido pela prefeitura da cidade junto com as empresas de ônibus responsáveis pelas linhas percorridas. Além do mais, levei em consideração o padrão de qualidade, DOTS, criado pela ONG ITDP (Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento), que explica que

“

O conceito de Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável (DOTS), se refere aos espaços urbanos projetados para acolher pessoas, atividades, edificações e

“ espaços públicos em áreas integradas ao resto da cidade por um transporte público de qualidade e facilmente conectadas a pé ou por bicicleta. DOTS pressupõe a inclusão de todos às oportunidades e recursos da cidade, por meio da combinação eficiente de modos de transporte, com baixo custo financeiro e ambiental e alto nível de resiliência aos eventos extremos. O DOTS inclusivo é necessário à sustentabilidade em longo prazo, bem como à equidade, prosperidade comum e paz social nas cidades.

(Padrão de Qualidade, DOTS, 2017)

De acordo com os pré-requisitos estabelecidos pelo instituto,

“ Os serviços de transporte de média e alta capacidade rápidos e confiáveis, definidos como transporte sobre trilhos, hidroviário ou corredores de ônibus de média e alta capacidade como o BRT, conectam e integram os pedestres com as áreas da cidade cuja distância não pode ser percorrida por caminhada ou de bicicleta, sendo assim um componente essencial para que as pessoas tenham acesso a todo o conjunto de oportunidades e recursos da cidade.

(Padrão de Qualidade, DOTS, 2017)

Sendo assim, a instituição deixa claro que o transporte coletivo de qualidade é acessível por caminhada, e que para fins de avaliação com o Padrão de Qualidade DOTS, a distância de caminhada máxima aceitável até a estação de transporte de média e alta capacidade mais próxima é definida como 1.000 metros. E admite-se ainda uma distância de 500 metros para um serviço convencional ou complementar (ex. linhas de ônibus ou vans) que se conecte diretamente com a rede de transporte de média e alta capacidade que se encontre, no máximo, a 5 quilômetros de distância. Ou seja, de acordo com a ITDP, a estação de transferência deve ser projetada para permitir conexões curtas, convenientes e acessíveis a todos com os servi-

ços de transporte público.

Além do mais, estar em um local, em que o pedestre pudesse caminhar pelo futuro projeto e pelo seu entorno, conectando com equipamentos urbanos próximos também é um ponto bastante relevante, por isso, analisei locais em que a cidade oferecia educação gratuita e particular de qualidade, desde a creche até mesmo instituições de ensino superior ou cursos técnicos, equipamentos de segurança, atendimento médico, praças e instituições públicas como igrejas e centros esportivos.

Como futura arquiteta, acredito que poder desfrutar dos equipamentos urbanos, ou melhor, poder desfrutar do caminho feito até eles, agrega uma grande valorização no projeto, pois ter acesso a todo tipo de serviço urbano necessário e próximo, facilita o cotidiano do cidadão, atrai pessoas de localidades diferentes que também querem desfrutar dos equipamentos e faz com que os indivíduos valorizem ainda mais o seu entorno.

Para esse tipo de análise, foram estudados mapas com informações sobre equipamentos da cidade, vazios urbanos, zoneamento, áreas verdes, e o mapa base, disponíveis também no site da prefeitura de Uberlândia.

Regiões com potencial de crescimento na cidade foram levadas em consideração, pois, são localidades capazes de suprir necessidades inovadoras que os cidadãos têm, e que os centros das cidades não conseguem proporcionar mais. Há uma liberdade para criação de espaços peculiares e contemporâneos, diferente das limitações do centro.

Por seguinte, levando este último argumento em consideração, unido as observações feitas junto com os diversos mapas de Uberlândia citados anteriormente, eu cheguei à conclusão que o local ideal para a inserção do meu projeto de conclusão de curso, seria no sentido da zona sul da cidade, portanto, esta seria o sentido da minha Cidade Genérica em expansão.

Após outros diversos estudos, também a partir dos mapas retirados do site da Prefeitura de Uberlândia, mais focados dentro dessa área demarcada na figura ao lado, procurei encontrar um terreno capaz de oferecer uma extensão adequada para o que estava sendo pensado para o projeto. Um terreno capaz de sustentar uma praça em seu térreo, assim como na Terceira Era da Cidade, de Portzamparc (1997), em que o autor propõe quadras

abertas como interação entre usos privados e públicos do espaço urbano, e com isso, pudesse abrir caminhos entre quadras ou ruas do entorno, para que os pedestres não se limitassem apenas em caminhar pelas calçadas cotidianas.

Landim (2004, pg.27) considera como função básica dos espaços livres, a circulação na cidade. Para a autora, os espaços livres são elementos de aglutinação entre os diversos tipos de espaços edificados, permitindo assim a apreensão, a compreensão e o uso da forma urbana.

“Os espaços cheios são percebidos a partir dos vazios, numa relação dialética em que um constrói o outro. A cidade flui pelos seus espaços vazios.”  
(LANDIM, Paula da Cruz, 2004, pg.27-28).

(VI)



Ademais, o terreno deveria estar próximo de uma região que tivesse um fluxo considerável de veículos, pedestres e ciclistas, o que aumenta a visibilidade do projeto, e a curiosidade daquelas pessoas que por ali passam.

(VI) Áreas possíveis, fora do perímetro central, para estudo de locação do projeto. Fonte: Google Maps



# O ENTORNO FALA

O terreno escolhido para a locação do meu projeto de conclusão de curso que tem como base o tema de moradia compartilhada, co-living, está localizado no bairro Altamira, entre a rua Anita e a Avenida Liberdade, ao lado da praça José Motta, onde atualmente fica o Centro de Tecelagem de Uberlândia.

Foram feitas análises, visitas e vivências, em um entorno de 400 metros de raio do terreno pré-escolhido presentes nos mapas a seguir, para eu pudesse conhecer melhor a área e ter certeza de onde eu gostaria de localizar o meu projeto. Procurei saber se o local correspondia aos meus conceitos e anseios enquanto entorno e se poderia estimular a troca de experiências.



(VII)

(VII) Delimitação do terreno escolhido para análise de entorno. Fonte: Google Earth.

## Sobre o terreno

Assim como demonstrado no mapa de análise de entorno número 1, o terreno englobou cerca de dez quarteirões com medidas próximas a 20 metros de largura e 50 metros de comprimento, obtendo, por consequência, uma área quadrada total de 8.990 metros quadrados, e como demonstrado este mesmo mapa, o desenho criado pela delimitação do terreno tem o formato da letra "L" e vai de uma ponta a outra do quarteirão obtendo três possíveis acessos.

É importante ressaltar, que o local escolhido já tem com seis árvores pré-existentes, a maioria em sua vida adulta e de grande porte, sendo três delas, lindas e grandes mangueiras. A pré-existência de vegetação é fundamental para o conceito de praça aberta no térreo, e serve como ponto de partida nas análises e croquis.

Um dos pontos cruciais para a escolha prévia do terreno foi a facilidade de escoamento que encontramos ao seu redor, o que agrega bastante quando falamos em troca de experiências e vivências adquiridas a partir do encontro entre pessoas diferentes, vindas de

lugares diferentes, o que se relaciona com conceito da moradia compartilhada. Após analisar o entorno do terreno, com o auxílio do mapa de análise de entorno número dois, que leva em consideração os tipos de vias encontradas próximo a ele e os possíveis fluxos consequentes, consegui compreender que além de ser rodeado por vias de extrema importância na cidade, os pontos de ônibus, estações de bicicletas, ciclovias e até mesmo o fluxo de pedestre, aparecem de forma significativa, assim como eu desejava, e são de extrema relevância para o conceito do projeto.

Apesar do transporte público e privado serem os principais na região, não podemos deixar de destacar os fluxos de bicicletas e o de pedestres encontrados. O fluxo de bicicleta é presente e ascendente na região, pois temos na Praça José Motta uma estação de bicicletas gratuitas, onde o usuário, através do seu cadastro, pode retirar uma bicicleta na estação e utilizá-la

( VIII )



( VIII ) Fonte Lopes, 2018.

## Sobre o sistema viário

O sistema viário que circunda a quadra em que está localizado o terreno, possui vias qualificadas como vias Arteriais, Coletoras e Locais. A via Arterial que passeia na lateral do terreno, e que será um dos acessos de pedestres do terreno, chama-se Avenida Francisco Galassi. É uma das principais vias da cidade, e tem como característica, auxiliar na interligação entre a parte central e a zona sul de Uberlândia. É uma via com estrutura prolongada capaz de cruzar e estremar alguns bairros importantes como: Altamira, Copacabana, Patrimônio, Morada da Colina e Gávea. Tal via morre na Avenida Nicomedes do Santos, que é outra arterial influente no município. As informações sobre o nascimento da via, por onde ela percorre e acaba, foram retiradas do site da prefeitura de Uberlândia.

As vias classificadas como coletoras que contornam o terreno são: a Avenida Liberdade, Avenida Presidente Médici e Avenida das Américas. Esse tipo de via, tem como função coletar e distribuir o fluxo que tenha necessidade de entrar ou sair das vias de trânsito rápido ou arteriais, e são responsáveis por fa-

cilitar a locomoção entre uma região e outra.

As vias locais, por fim, mas não menos importantes, são as demais ruas que fazem as ligações dentro dos bairros e entre os quarteirões atingindo uma escala menor. Uma delas aparece limitando o quarteirão do terreno escolhido com o nome de Rua Anita. É importante ressaltar que o fluxo de automóveis nas vias locais é reduzido e por isso pode ser um bom local para a instalar-se entradas de estacionamentos e paradas rápidas, uma vez que, não atrapalha a fluidez do trânsito mais concentrado nas outras avenidas.

A Avenida Rondon Pacheco, que apesar de não limitar o quarteirão escolhido, está logo à frente, também tem uma grande importância no projeto, pois além de ser, atualmente, a principal avenida estrutural da cidade, com uma extensão de sete quilômetros que se finaliza na BR-050, tem como capacidade facilitar e ampliar o deslocamento de pessoas do entorno e de outras regiões, uma vez que, ela atravessa uma extensa porcentagem da cidade, mais precisamente, dez bairros, possui intersecções com outras dezenas de vias e serve de marco para as pessoas que aqui residem ou não, dado que a maioria delas conhecem a avenida.

Através das vias citadas acima, é possível se descolar para qualquer ponto da cidade sem muita dificuldade.



( IX )



( X )

( IX ) Avenida Rondon Pacheco. Fonte: Lopes, 2018.

( X ) Avenida Liberdade, Avenida Presidente Médici. Fonte Lopes, 2018.

( XI )



( XII )



Tanta permeabilidade e escoamento ao redor da região pré-escolhida, coincide com a minha convicção do quão relevante é o conceito da troca de experiências e a diversidade de relações entre as pessoas que irão ir e vir e usufruir da edificação.



Ainda sobre a circulação e fluxos nas imediações do terreno, não podemos deixar de pontuar aspectos importantes como, a quantidade de pontos de ônibus próximos, um inclusive em um dos acessos do projeto, localizado na Avenida Liberdade. Em uma análise feita no entorno como podemos ver no mapa de número três, onde a distância caminhável entre o terreno e os pontos de ônibus próximos deve ser, de acordo com a ONG ITDP, de no máximo 500 metros. A partir deste estudo, consegui perceber que o transporte público no local, parece estar bem distribuído, de maneira que conseguimos caminhar tranquilamente dentro dessa metragem e encontrar cerca de três ou quatro pontos de espera. A quantidade de pontos de ônibus espalhada, auxilia na criação de caminhos diferentes pelos usuários, visto que, cada caminho feito pelo cidadão é único, mesmo que rotineiro. A cidade é lida pelas pessoas à medida que elas passeiam pelos caminhos que a compõe, assim como descreve Certeau (2012), sobre as duas maneiras de relatar os lugares, através dos mapas ou através do percurso real:

( XIII ) Ponto de ônibus em frente à entrada ao acesso do terreno pela Avenida Liberdade. Fonte: Lopes, 2018.



( XIV )

( XIV ) Ponto de ônibus na praça José Motta, localizada no quarteirão da frente do terreno. Fonte: Lopes, 2018.

“Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato e “diégese”, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (“guia”) e passa através (“transgride”). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é tipológico, relativo as deformações de figuras, e não tópico, definidor de lugares.”  
(Certeau, 2012, pg. 163)

pela cidade durante duas horas, devolvendo-a em uma próxima estação. Este sistema de distribuição de estações de bicicletas gratuitas pela cidade, faz parte de uma ação criada por grupo de empresas privadas uberlandenses, que incentiva a utilização do transporte limpo. No entanto, mesmo com a facilidade para a utilização desse tipo de condução, consegui observar que ainda são poucas as pessoas que usufruem dele no dia a dia.

“Pedalar e o segundo modo mais saudável, econômico e inclusivo de mobilidade urbana. Ele combina a conveniência da viagem porta-a-porta e a flexibilidade da rota e do horário dos percursos a pé, atingindo distâncias e velocidades semelhantes às dos serviços locais de transporte coletivo. As bicicletas e outros meios de transporte à propulsão humana, tais como riquixás, também movimentam as ruas e aumentam a área de cobertura das estações de transporte coletivo. São altamente eficientes, utilizam muito pouco espaço e consomem poucos recursos. A preferência por pedalar é, portanto, um princípio fundamental do DOTS.”  
(Padrão de Qualidade, DOTS, 2017).

( XV )



Nos finais de semana, principalmente nos domingos de manhã, quando a prefeitura faz uma ação que fecha parte da Avenida Rondon Pacheco para estimular a população a vivenciar a cidade, temos um fluxo de usuários maior.

Outro incentivo para o meio de transporte ecologicamente correto, são as ciclovias presentes na Avenida Rondon Pacheco, onde podemos observar um considerável fluxo de pessoas que pedalam por ali principalmente no final da tarde, utilizam esse meio de transporte no dia a dia, ou ainda transformam o local em um ponto de encontro entre ciclistas da cidade. Apesar de ser um ótimo incentivo para tal atividade, percebo que o caminho traçado para as ciclovias ainda é limitado e não faz ligações com outras regiões da cidade. No entanto,

englobo esse meio de transporte sustentável como um ponto positivo no projeto, que agrega ainda mais na dissolução e na diferenciação de pessoas e experiências dentro do Com Partilha, coliving.

A proximidade com a ciclovia, a estação gratuita de bicicletas, e os pontos de ônibus, são cruciais para sustentar um ponto defendido no projeto, a criação de estacionamentos com quantidade de vagas reduzidas em relação ao que a lei pede. A finalidade é de induzir os moradores da edificação a utilizarem o transporte público, serem aptos ao compartilhamento de veículos, usufruírem das bicicletas e até mesmo, andarem a pé.

“ Apoiamos que veículos autônomos em áreas urbanas densas sejam compartilhados. Devido ao potencial de transformação da tecnologia dos veículos autônomos, é fundamental que todos façam parte de frotas compartilhadas, bem reguladas e com emissão zero. As frotas compartilhadas podem proporcionar acesso mais barato a todos, maximizar a segurança das pessoas, aumentar os benefícios da redução de emissões, garantir

( XV ) Estação de bicicletas gratuitas. Fonte: Lopes, 2018.





( XVI )

que as atualizações de manutenção e software sejam gerenciadas por profissionais e efetivar a promessa de reduzir veículos, estacionamentos e congestionamentos, em concordância com políticas mais amplas para reduzir o uso de carros pessoais em áreas urbanas densas.

(10 Princípios de Mobilidade Compartilhada para Cidades mais Humanas, ONG ITDP, 2017.)

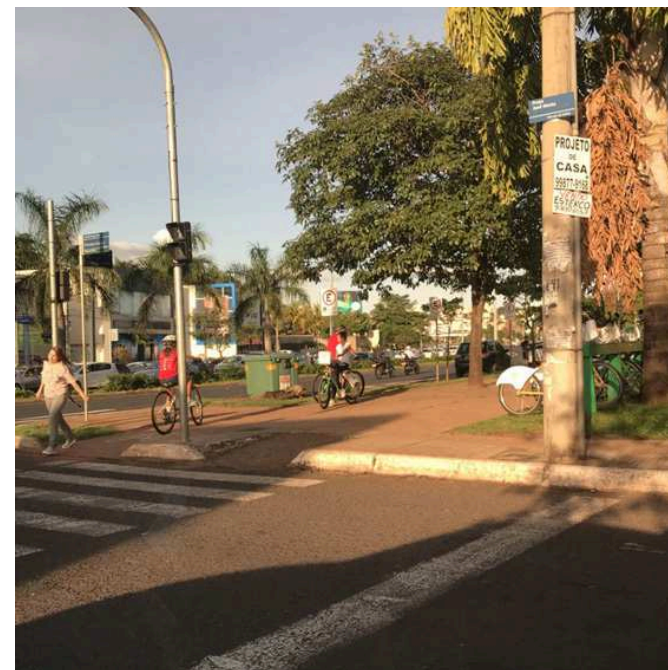
### Sobre os fluxos

A maneira como percorremos essa rua – como pedestres ou de automóvel, a que hora do dia – também nos trará uma noção diferente desse espaço.

(Landim, 2004, p.27-8)

Sobre o fluxo de pedestres presente no mapa de análise quatro, podemos destacar a Avenida Rondon Pacheco

e a Praça José Motta como responsáveis por concentrar a maior quantidade de pessoas praticando atividades físicas e vivenciando o local. Temos além das estações de bicicletas, equipamentos de academia ao ar livre, que atraem as pessoas que caminham ali por perto ou que moram ao redor, e a própria calçada da avenida Rondon Pacheco, que desempenha a função de pista de corrida para praticantes dessa modalidade.



( XVII )

( XVI ) Ciclovia. Fonte: Lopes, 2018.

( XVII ) Fluxo Rondon Pacheco. Fonte: Lopes, 2018.



( XVIII )



( XIX )

Menos intenso, mas não menos importante, pude identificar um fluxo de pedestre na Avenida Francisco Galassi, local onde encontramos alguns tipos de serviços e comércios que atraem a locomoção de pessoas que moram, na grande maioria, ali por perto ou que trabalham nos estabelecimentos que compõem a avenida. Pude notar ainda, que alguns funcionários ficam sentados na calçada em seu horário de almoço e intervalos ou vão até o comércio mais próximo com a finalidade de suprir alguma necessidade.

( XVIII ) Fluxo Rondon Pacheco. Fonte: Lopes, 2018.

( XIX ) Moradores na calçada. Fonte: Lopes, 2018.



( XX )

Ainda sobre o fluxo de pedestres, as análises e as visitas no terreno e entorno me fizeram perceber que existe um fluxo diferente nas vias locais do bairro, fluxo que denominei como “trânsito da vizinhança”. Cheguei a essa conclusão depois de acompanhar algumas pessoas que se deslocavam a pé de suas casas até as mercearias, bares e comércios mais próximos, com a finalidade de comprar algum mantimento ou sanar alguma necessidade momentânea. São diferentes serviços e comércios espalhados pela área de entorno analisada, e isso faz com que as pessoas saiam nas ruas para usufruir do serviço vizinho. Ademais, ainda podemos destacar alguns indivíduos que ficam nos bares durante algum período do dia, e aqueles que colocam cadeiras nas portas de casa para acompanhar o fluxo das vias e encontrar os vizinhos.



( XXI )

( XX ) Trabalhadores em seu horário de almoço na calçada. Fonte: Lopes, 2018

( XXI ) Bar na Avenida Francisco Galassi. Fonte: Lopes, 2018.



( XXII )

Quanto ao fluxo de bicicletas, assim como observado anteriormente, ele aparece com uma frequência maior próximo à estação gratuita e na Avenida Rondon Pacheco, entretanto, não é difícil encontrar pessoas utilizando esse meio de locomoção na Avenida Francisco Galassi e Avenida Liberdade, principalmente próximo a IFTM devido a quantidade de estudantes. Nos demais lugares, não foram encontrados fluxos relevantes.

De acordo com Constanza Martínez Gaete, em seu texto, “O que torna uma cidade caminhável”,

“Caminhar por um bairro que tenha parques, comércios e serviços próximos uns dos outros é sem dúvida uma atividade mais agradável que andar por regiões onde esses programas e usos se encontram menos adensados. Dentre os fatores que influenciam nisso, segundo um estudo da Universidade de British Columbia, estão o desenho do espaço urbano, o acesso aos transportes públicos, a densidade populacional e as leis de zoneamento, que mudam de um município para outro.”

(Gaete, 2014, pg. 2)

Não estou querendo dizer que o entorno do terreno escolhido é um ótimo local para se caminhar ou que ele foi planejado pensando no fluxo de pedestres, longe disso, apenas defendo a ideia que ele tem um potencial de se tornar um local cada vez mais caminhável, se houvesse algum tipo de investimento focado nisso na região. Visto a distribuição dos seus serviços pelos bairros, a topografia sem um declive muito íngreme, a largura das calçadas, que mesmo sem muita manutenção e acessibilidade, ainda possuem espaço suficiente para uma caminhada “confortável”, diferente do que encontramos quando comparamos com outros bairros da cidade.

( XXII ) Fluxo de bicicleta e pedestres. Fonte: Lopes, 2018.

A intensidade dos fluxos de automóveis sendo eles particulares ou públicos demonstrada no mapa de número cinco, é alta, pois, assim como analisado anteriormente, a região contempla vias de grande fluxo, como arteriais e coletoras e até mesmo uma estrutural, as próprias vias locais, mais próximas das grandes avenidas, recebem um fluxo considerável, pois são os "retornos" utilizados pelos que ali dirigem. O fluxo nas avenidas é considerável intenso praticamente o dia inteiro, mas piora em horários de pico como as seis horas da tarde ou nos horários de almoço. Durante a noite, o trânsito de automóveis cai consideravelmente, mas não deixa de aparecer



( XXIII )



( XXIV )

## Sobre os usos

Deixando um pouco de lado essa parte sobre vias e fluxos, decido falar agora sobre as análises de usos do solo do entorno, presentes no mapa de número seis e o que consegui extrair de informações e críticas para embasar e agregar no meu projeto de moradia compartilhada.

Através dos estudos e passeios pelas ruas, re-presentado no mapa de número seis, consegui atentar o meu olhar e perceber que por mais que a região escolhida seja uma região um pouco afastada do centro da cidade, denominada como Cidade Genérica por Reem Koolhaas (2010, p.33), existem alguns tipos de serviços e de comércios próximos, que podem ser divididos entre serviços disponíveis e visíveis para a cidade, comumente localizados em vias de fluxo mais intenso, e os serviços e comércios de "bairro", que além de localizados em ruas locais, são aqueles que possuem uma raio de atendimento menor e suprem as necessidades principalmente da vizinhança imediatista.

Além disso, ressalto a predominância de residencial em todo o entorno estudado e a exis-

tência de instituições particulares e públicas, que acrescentam ainda mais valor as adjacências do projeto. A quantidade de vazios presente na região chama atenção e tem mais presença no bairro Altamira, os estacionamentos e construções aparecem em pequenas quantidades, pois a maioria dos locais para estacionar, por exemplo, são nas próprias vias. Áreas verdes e praças, apareceram somente nas imediações do terreno, na praça José Motta, onde fica também o Centro de Tecelagem de Uberlândia.



( XXV )

( XXV ) Edifícios residenciais, casas e serviços do entorno. Fonte: Lopes, 2018.

( XXVI )

( XXVII )



## Sobre os equipamentos urbanos

Observei, assim como demonstrado no mapa de número sete, a existência de três escolas estaduais nos arredores estudados, sendo

elas a Escola Municipal do Bairro Patrimônio I, Escola Municipal Novo Horizonte e Escola Municipal Grande Otelo, além de uma creche do setor público, outra particular e uma escola de línguas estrangeiras, também particular.

Uma Instituição Federal do Triângulo Mineiro - IFTM, também agrega potencial ao entorno do terreno. Diversas igrejas aparecem nos estudos, e quando falamos de saúde, constatei uma UBS (Unidade Básica de Saúde) no bairro

( XXVI ) Serviços. Fonte: Lopes, 2018.  
( XXVII ) Entorno. Fonte: Lopes, 2018.

Altamira, e na outra extremidade do entorno delimitado para estudo, no bairro Patrimônio, encontramos o Hospital de rede privada Santa Marta.



( XXVIII )



( XXIX )

( XXVIII ) UBS. Fonte: Lopes, 2018.  
( XXIX ) EMEI. Fonte: Lopes, 2018.



(XXX)



(XXXI)



Sobre praças e encontros Lamas escreve que,

“... a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e, consequentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas.

(Lamas apud de Angelis, 2005, pg.2)

Com essa justificativa, revelo que a praça José Motta, foi um dos pontos mais importantes para que eu pudesse consolidar a minha escolha de terreno neste local, pois durante muitos anos os pontos de encontros dos cidadãos das cidades eram nas praças, e mesmo que hoje elas não sejam mais o local

favorito da população para espairecer, tentarei fazer com o que os espaços existentes no térreo do projeto criem pretextos para encontros e seja um conector com o espaço público de lazer acima.

Um elemento muito significativo e interessante presente na praça José Motta, é o Centro

(XXX) EMEI. Fonte: Lopes, 2018.

(XXXI) Praça José Motta. Fonte: Lopes, 2018.

de Tecelagem Fios do Cerrado, entidade civil sem fins lucrativos, mantido pela Fundação Cultural e Assistencial Filadélfia, criada apenas com a finalidade de apoiar e promover a arte milenar de fiar e tecer manualmente, tapetes, almofadas, colchas, mantas, xales, painéis e outros. De acordo com o site da prefeitura de Uberlândia,

“ O Fios do Cerrado - Centro de Tecelagem é um projeto social, cultural e educacional, que visa oferecer oportunidade de emprego às tecelãs e fiandeiras da terceira idade. Localizado no bairro Patrimônio, em uma área de 1.200m<sup>2</sup>, fundado em 1993, o Centro de Tecelagem recebe diariamente a visita de turistas vindos de várias partes do país e do mundo, além de alunos das escolas públicas e particulares da cidade e região e estudantes do Ensino Superior. ”

É interessante lembrar, que o projeto original do Centro de Tecelagem foi feito escritório Andrade Guerra. Dessa maneira, respeitar os traçados angulados da paginação de piso da

praça e da edificação do Centro para aplicar seja no formato da edificação ou no formato da paginação de piso da praça seca que será projetada ao lado, são diretrizes relevantes a serem consideradas.

A criação de uma passagem elevada, que priorize pedestres e interligue as duas praças e também será estudada, de maneira que, o público possa caminhar com ainda mais qualidade e segurança entre os dois espaços.



( XXXII )

( XXXII ) Centro de Tecelagem. Fonte: Lopes, 2018.

( XXXIII )



( XXXIII ) Centro de Tecelagem. Fonte: Acervo pessoal.

Após destacar os principais equipamentos urbanos encontrados na região delimitada para estudo através do mapa de número sete, percebi que muito mais importante do que a quantidade listada, é a localização em que eles se encontram. E por consequência dessa análise crítica, percebi que a distribuição de tais equipamentos, acontece de forma irregular, periférica e não atende ao entorno imediato do terreno.

Diante da atual conjuntura evidenciada pelos estudos da região, constatei a conveniência de adicionar ao meu programa de necessidades, espaços que pudessem contribuir para a redução da distância entre a moradores e algumas de suas carências. Ademais, enaltecendo todo estudo que foi feito, pude notar quais os tipos de serviços, comércios e instituições mais frequentes na região e os mais escassos, o que me instiga a adequar o programa do meu projeto, visando suprir os anseios não só os moradores do empreendimento, como também dos visitantes adjacentes, e de outras regiões da cidade, estimulando os encontros e desencontros.

## Sobre os cheios e vazios

Ao observar o mapa de ocupação (figura fundo), com um raio de análise reduzido para apenas 200 metros, é possível identificar, que embora não seja um bairro tão afastado do centro da cidade e nem mesmo uma região tão nova como tantas outras que apareceram depois, há uma quantidade considerável de lotes vazios ou não aproveitados devidamente pelos cidadãos da cidade. Nota-se que os lotes maiores, localizados a direita da Avenida Francisco Galassi, em direção à Avenida Rondon Pacheco, são os que possuem uma porcentagem maior de despoamento, muito provavelmente, pelo alto custo da terra, proporcional ao tamanho do lote.

Ainda sobre os cheios e vazios, consegui identificar que as edificações, apesar de pertencerem a lotes de tamanhos variados, apresentam consideráveis recuos, quando não frontais, posteriores ou laterais, e através da análise da região delimitada para estudos como um todo, concluo que o local não possui um aspecto denso em

suas construções, e que os muros que envolvem os terrenos geram como única opção de caminho as calçadas de entorno dos quarteirões, ou seja, não há permeabilidade dentro dos quarteirões.

Além disso, pude perceber que o parcelamento do solo existente do bairro Altamira, é menor quando comparado ao Bairro Patrimônio, a proporção da divisão dos lotes entre um e outro é notavelmente diferente.

Relacionado a tais diagnósticos e dito anteriormente, o projeto de moradia compartilhada Com Partilha, terá como característica um

térreo livre, que possa convidar o pedestre a entrar e caminhar pelo espaço não delimitado, saindo do óbvio, as calçadas, aplicado no entorno.

“ A quadra aberta permite reinventar a rua: legível e ao mesmo tempo realçada por aberturas visuais e pela luz do sol. Os objetos continuam sempre autônomos, mas ligados entre eles por regras que impõem vazios e alinhamentos parciais. ”  
(Portzamparc, 1997, pg.47)



( XXXIV )



( XXXV )

( XXXIV ) Cheios e Vazios (Lado Norte e Leste do terreno, bairro Altamira). Fonte: Lopes, 2018.  
( XXXV ) Cheios e Vazios (Lado Oeste e Sul do terreno, bairro Patrimônio). Fonte: Lopes, 2018.

## Sobre o gabarito

Bom, agora falo aqui sobre os estudos feitos quanto ao gabarito do entorno, no mapa de número nove, voltando para uma região delimitada para análise em um raio de 400 metros, pude me atentar ao gabarito predominantemente baixo das regiões adjacentes do terreno pré-escolhido. Dividindo o mapa em dois, a partir da passagem da via arterial Avenida Francisco Galassi, podemos perceber que no lado esquerdo, sentido Rondon, existem edificações térreas, uma quantidade variada de pequenos prédios de três a cinco pavimentos, um prédio residencial que ultrapassa o limite de cinco pavimentos, possui dez andares e que por coincidência tem sua parte frontal alinhada com uma das entradas do terreno, e ajudará a compor a verticalização visual do local. Enquanto do lado direito, o prédio com maior quantidade de pavimentos próximo é a instituição de estudo IFTM, dentre muitas outras casas e estabelecimentos que oscilam entre térreos e dois pavimentos.

( XXXVI )



( XXXVII )

Ainda que o projeto de conclusão de curso esteja sendo pensado para alcançar até seis pavimentos, devo manifestar que não faz parte das minhas diretrizes de projeto, destoa-lo da paisagem do entorno, assim como o edifício residencial ao lado. A verticalização excessiva pode diminuir a privacidade dos vizinhos, que moram em residências unifamiliares em sua grande maioria, e prejudicar a ventilação da colina, visto que, estamos próximos a um fundo de vale onde o vento tende a subir pelos "morros" adjacentes. Assim sendo, estarei atenta aos estudos sobre os ventos predominantes e a insolação, para não criar possíveis barreiras aos vizinhos e construções posteriores. Entre a fusão do Bairro Patrimônio e o Bairro Altamira, conseguimos identificar duas realidades diferentes de moradia. Na medida em que a proximidade entre as vias de grande fluxo e importância na cidade aumentam, aumentam também, no bairro Altamira, as residências maiores, com mais de um andar com grande metragem dos terrenos. Enquanto no Bairro Patrimônio, a tendência é aumentar a quantidade de prédios de porte pequeno. As moradias mais afasta-

( XXXVI ) Gabarito do entorno. Fonte: Lopes, 2018.  
( XXXVII ) Prédios de até 3 andares. Fonte: Lopes, 2018.

das das grandes avenidas, consistem basicamente em casas de um pavimento, onde no Bairro Patrimônio elas tem um caráter mais simples em um loteamento bem parcelado, resultando terrenos visivelmente menores, quando comparados ao Bairro Altamira, onde é possível encontrar casas em terrenos com grandes metragens e bastante vegetação.



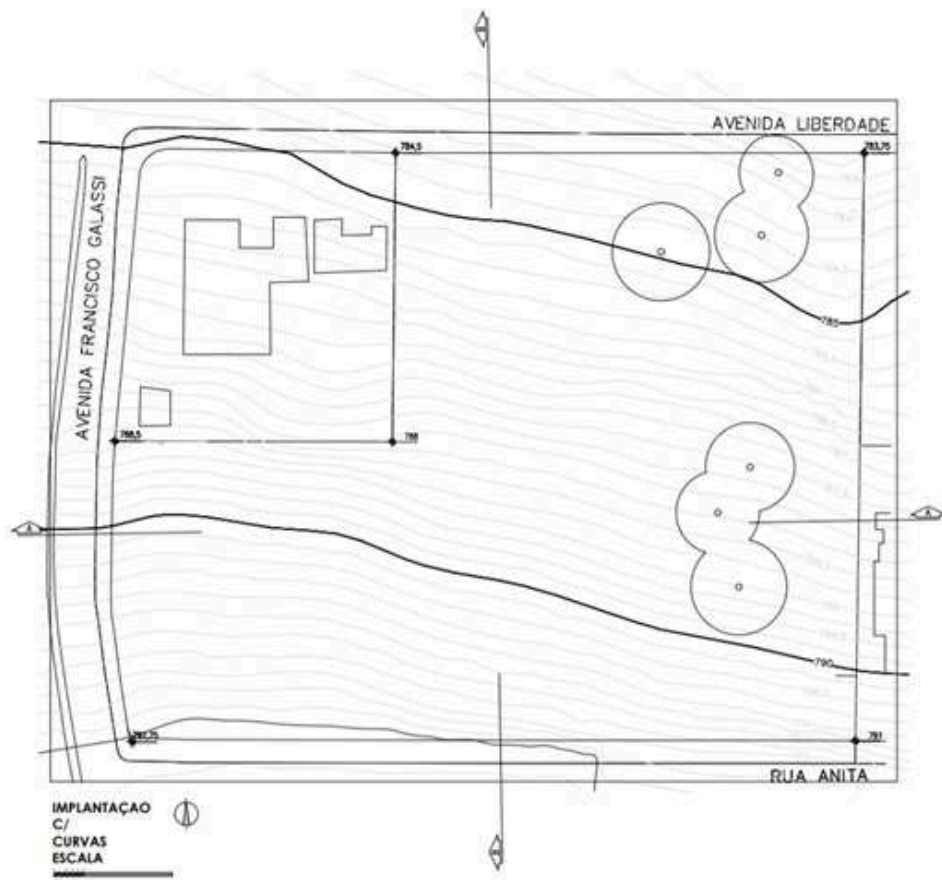
( XXXVIII )

## Sobre a topografia

Junto ao mapa de número dez, é possível visualizar melhor a topografia da região, que começa a criar uma inclinação maior à medida que avança para a zona sul da cidade. Pode-se perceber que por ter sido criada em cima de um córrego denominado como Córrego São Pedro, a Avenida Rondon Pacheco tem um caráter topográfico plano e fica entre duas regiões com inclinações mais acentuadas formando um “fundo de vale”.

A topografia do terreno, retirada do mapa base de Uberlândia de 2015 fornecido pela prefeitura, onde constam curvas a cada um metro de altura, demonstra que o lote inclina um pouco mais do que 9 metros desde o seu início na Avenida Liberdade próximo da curva de nível 783,75, até a sua parte final na Rua Anita em que encontramos a curva 792,75. Para alcançar resultados mais precisos sobre os valores da inclinação, recorreremos ao método de interpolação de curvas, dividindo as que antes eram de 1 em 1 metro em quatro partes com uma distância média de 0,25m entre cada uma.

( XXXVIII ) Gabarito entorno. Fonte: Lopes, 2018.



De acordo com o comprimento total do terreno e a altura que as curvas atingem em toda sua extensão, conseguimos calcular a inclinação do terreno que é de 0,088 ou 8,8%, porcentagem que está acima da inclinação acessível determinada, por isso será importante pensar em uma área externa livre e acessível.



**CORTE  
AA  
ESCALA**



**CORTE  
BB  
ESCALA**

O Google Earth possui uma ferramenta chamada "Perfil de Elevação" que consegue demonstrar o perfil de inclinação dos locais desejados, no entanto, contém algumas diferenças em relação ao Mapa Base da retirado na prefeitura. Abaixo, a imagem mostra o perfil de elevação da topografia dentro do círculo delimitado, partindo da rua Anita, atrás do terreno e indo até a rua Carajás, do outro lado da Avenida Rondon Pacheco.



( XXXIX )

( XXXIX ) Perfil de inclinação do entorno de análise de 400 metros. Fonte: Google Earth.



## Sobre a legislação

Por fim, fiz um estudo a partir do mapa base de Uberlândia que limita zonas específicas para cada região da cidade com características constitutivas a serem respeitadas, retirado do site prefeitura. De acordo com o mapa onze, o terreno estudado está inscrito na Zona Residencial 2, chamada também de ZR2, representada no mapa com a cor branca e propõe as seguintes determinações: função habitacional, atividades de pequeno e médio porte, compatíveis com o uso.

A legislação para uso do solo da ZR2 diz que:

ADEQUAÇÃO USO/ZONA ENTORNO	ZM	Zr1	Zr2	Zr3	ZT	ZEIS
H1 - Habitação Unifamiliar	✓	✓	✓	✓	✓	✗
H2h - Habitação Multifamiliar Horizontal	✓	✓	✓	✓	✓	✗
H2v - Habitação Multifamiliar Vertical	✓	✗	✓	✓	✓	✗
H3 - Habitação de Interesse Social	✓	✗	✓	✓	✓	✓
C1 - Comércio Varejista Local	✓	✓	✓	✓	✓	✓
C2 - Comércio Varejista Diversificado	✗	✗	✗	✗	✓	✗
C3P - Comercio Especial e/ou Atacadista de Pequeno Porte	✗	✗	✗	✗	✓	✓
C3M - Comercio Especial e/ou Atacadista de Médio Porte	✗	✗	✗	✗	✓	✗
C3G - Comercio Especial e/ou Atacadista de Grande Porte	✗	✗	✗	✗	✓	✗
C4-I - Comercio Especial e/ou Atacadista Especial I	✗	✗	✗	✗	✓	✗
C4-II - Comercio Especial e/ou Atacadista Especial II	✗	✗	✗	✗	✗	✗
S1 - Serviço Local	✓	✓	✓	✓	✓	✓
S2 - Serviço Diversificado	✗	✗	✗	✗	✓	✗
S3 - Serviço Especial	✗	✗	✗	✗	✓	✗
E1 - Equipamento Social e Comunitário - Local	✓	✓	✓	✓	✓	✓
E2 - Equipamento Social e Comunitário - Geral	✗	✗	✗	✗	✓	✗
E3-I - Equipamento Social e Comunitário - Especial I	✗	✗	✗	✗	✓	✗
E3-II - Equipamento Social e Comunitário - Especial II	✗	✗	✗	✗	✗	✗
I1 - Indústria de Pequeno Porte	✓	✗	✓	✓	✓	✓
I2 - Indústria de Médio Porte	✗	✗	✗	✗	✓	✗
I3 - Indústria de Grande Porte	✗	✗	✗	✗	✗	✗
M - Misto*	✓	✓	✓	✓	✓	✓

✓ ADEQUADO ✗ PROIBIDO

ADEQUAÇÃO USO/ZONA LOCAL	ZEIS 1	SVC	SVA
H1 - Habitação Unifamiliar	✗	✓	✓
H2h - Habitação Multifamiliar Horizontal	✗	✓	✓
H2v - Habitação Multifamiliar Vertical	✗	✓	✓
H3 - Habitação de Interesse Social	✓	✓	✓
C1 - Comércio Varejista Local	✓	✓	✓
C2 - Comércio Varejista Diversificado	✗	✓	✓
C3P - Comercio Especial e/ou Atacadista de Pequeno Porte	✓	✓	✓
C3M - Comercio Especial e/ou Atacadista de Médio Porte	✗	✓	✗
S1 - Serviço Local	✓	✓	✓
S2 - Serviço Diversificado	✗	✓	✓
E1 - Equipamento Social e Comunitário - Local	✓	✓	✓
E2 - Equipamento Social e Comunitário - Geral	✗	✓	✓
E3-I - Equipamento Social e Comunitário - Especial I	✗	✓	✗
I1 - Indústria de Pequeno Porte	✓	✓	✓
I2 - Indústria de Médio Porte	✗	✓	✗
M - Misto*	✓	✓	✓

( XL )

Devo destacar que o prédio se encaixa a adequação de uso Misto (M), visto que terá além de habitações, haverá serviços pensados para os futuros moradores e vizinhos.

Além do mais, de acordo também com essa mesma legislação em edificações com o uso Misto (M), há um mínimo de uma vaga de es-

tacionamento por unidade autônoma, sem exceções.

Em relação aos índices urbanísticos, a ZR2 defende que:

. A taxa de ocupação do solo é de 60% no primeiro pavimento para áreas de uso comum e nos demais andares, para edificações do tipo Mista.

. O coeficiente de aproveitamento é de 2,75.

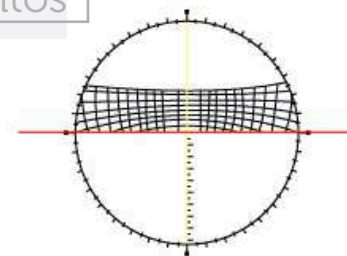
. O afastamento frontal mínimo quando maior do que 2 pavimentos, deve ser calculado através da fórmula:  $AFR = H/10 + 2,10$ , sendo AFR: afastamento frontal, H: medida em metros, desde o nível médio do meio fio, até o piso do pavimento mais alto da edificação.

. O afastamento frontal, lateral e fundo mínimo quando maior do que 2 pavimentos, deve ser calculado através da fórmula:  $AFR = H/10 + 2,10$ , sendo AFR: afastamento frontal, H: medida em metros, desde o nível médio do meio fio, até o piso do pavimento mais alto da edificação.

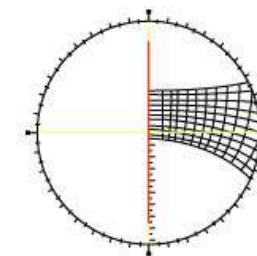
. E a área mínima do lote deve conter 250 metros quadrados.

## Sobre a insolação e os ventos

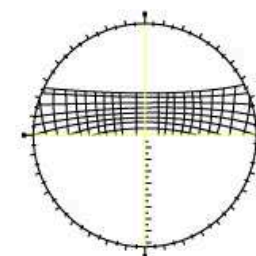
Através da Carta Solar, levando em consideração que o traço em vermelho são as faces do terreno, consegui analisar e entender melhor como acontece o período de insolação no mesmo. Podemos perceber que a fachada Norte, é a mais crítica e recebe sol com bastante intensidade o dia inteiro, enquanto a fachada Sul, mesmo recebendo iluminação o dia todo, os horários em que o sol atinge as faces com mais força são as 6:00 e as 18:00. Quanto a fachada Oeste, é possível compreender que ela receberá sol somente no período da tarde, a partir das 12:00, enquanto a fachada Leste, receberá pela manhã, desde as 6:00 até o 12:00.



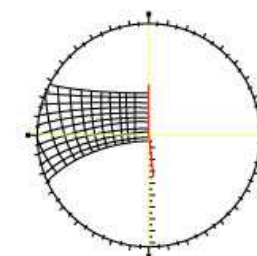
1 Análise Solar - Fachada Norte



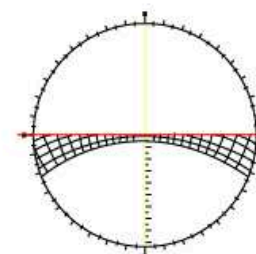
4 Análise Solar - Fachada Oeste



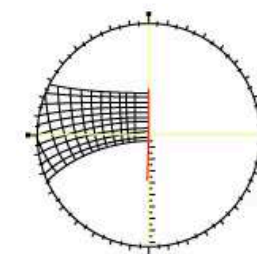
2 Análise Solar - Fachada Norte (2)



5 Análise Solar - Fachada Leste



3 Análise Solar - Fachada Sul



6 Análise Solar - Fachada Leste (2)

( XLI )

Os ventos, de acordo com o site da prefeitura de Uberlândia, são predominantemente vindos do Nordeste, e oscilam a força de acordo com a época do ano, sendo a época que mais venta na cidade entre junho e outubro, e a que menos venta entre outubro e junho.

“O movimento de ar entre as áreas urbanas e vegetadas (florestas urbanas, zona rural entre outras) depende da velocidade do ar, do gabarito e densidade das construções.  
(JOHANSSON, 2006)

Em consequência da sua localização próxima a um fundo de vale, como dito anteriormente, o terreno escolhido sofre a atuação de ventos que se concentram na parte topográfica mais baixa do entorno (no fundo de vale) e depois sobem as colinas. Atenta à isso, não devo projetar uma edificação cuja o gabarito elevado possa atrapalhar a permeabilidade do ar. Estratégias como o escalonamento também podem amenizar os efeitos da criação de uma edificação neste local. Por ser uma região com o gabarito predo-

minantemente baixo e não tão adensada, a condução do ar ainda acontece sem muitos obstáculos e canalizações.

### Em suma

Chego ao fim de tantos estudos, análises, críticas e debates com o meu orientador, com certeza da localização do meu trabalho de conclusão de curso. A área estudada corresponde as minhas expectativas, modela o meu projeto e agrega potencial a edificação. Agora, portanto, é hora de falar sobre o projeto...



# O QUE CASA SIGNIFICA PARA VOCÊ?



( XLII )

A partir dessa pergunta, separei alguns projetos diferentes de Coliving espalhados ao redor do mundo, para exemplificar esse tipo de conceito, e através de leituras de projeto mostrar o quão dinâmico e flexível ele pode ser.

Começo apresentando os projetos que serão analisados.

O primeiro projeto é um trabalho de conclusão de curso, cuja aluno também utilizou o tema da moradia compartilhada para conceituar o seu edifício. Modular Garden Coworking&Coliving Center em Kiev, como é chamado, foi projetado em 2018 por Margo Gorval, graduado pela Kyiv National University of Construction and Architecture (KNUCA), localizada na Ucrânia.

Assim, como podemos ver na foto, o arquiteto setorizou os usos do empreendimento, criando blocos “específicos” e nomeados para cada utilidade. Outra característica notória é a interação com a cidade, visto que há uma praça pública na parte térrea da edificação.

O segundo projeto analisado será construído no Brasil, mais especificamente na Vila Madalena em São Paulo e tem o nome de AMATA. Projetado pelo escritório Triptyque, o projeto foi aprovado em 2017 pela prefeitura paulista e tem como pre-



( XLIII )

visão de obra finalizada o ano de 2020. O programa conta com habitações coliving e espaços para coworking. Olhando a imagem ao lado, não percebemos uma setorização evidente assim como no primeiro projeto apresentado, mas compreendemos que a interação com as vias públicas também se faz presente neste empreendimento. O terceiro projeto estudado também é brasileiro, no entanto, assim como o Modular Garden, é um projeto de conclusão de curso. O Coliving Espírito Santo foi projetado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, pelo então graduando, Gabriel Nardelli, que teve como orientador Maurício Campomori. O arquiteto responsável pela conceituação e desenho do projeto, formou-se em 2018 e como solução para o compartilhamento de moradias apostou em um edifício escalonado, sem interações com a via pública, e que aparentemente não possui setorização de ambientes.

( XLIII ) Fonte: Au, 2018  
( XLIV ) Fonte: Flat27.arq.br, 2019.

( XLIV )



Após analisar cada projeto e também estudar em sites e documentos as justificativas de cada arquiteto para seus desenhos, pude diferenciar e igualar aspectos dentro de cada coliving. Desta maneira, pude absorver e compreender características que poderão impactar na minha proposta de trabalho de conclusão do curso.

## Sobre os espaços em cada projeto

### Modular Garden Coworking&Coliving Center em Kiev

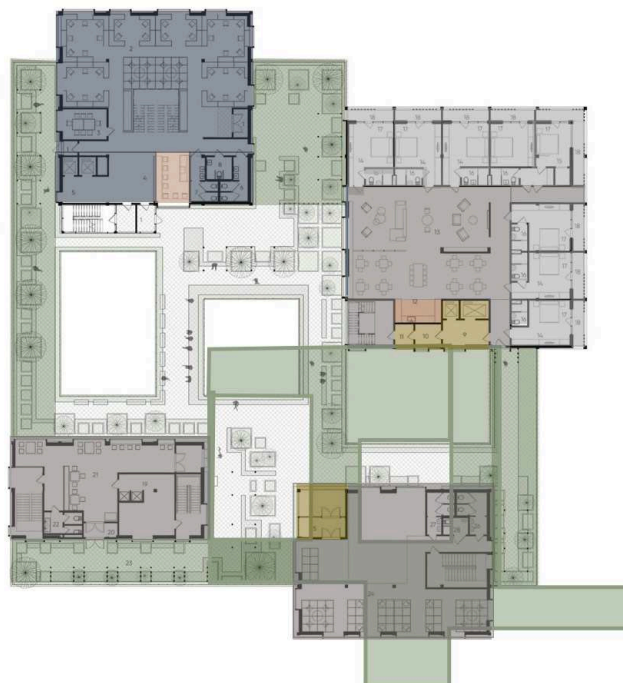
- habitações íntimas
- espaços de convivência e compartilhamento internos
- coworking
- cozinha compartilhada
- garagem
- espaços de convivência e compartilhamento externos
- área técnica



( XLV )



Planta primeiro pav.



Planta segundo pav.



Planta terceiro e quarto pav.

( XLVI )

( XLVII )



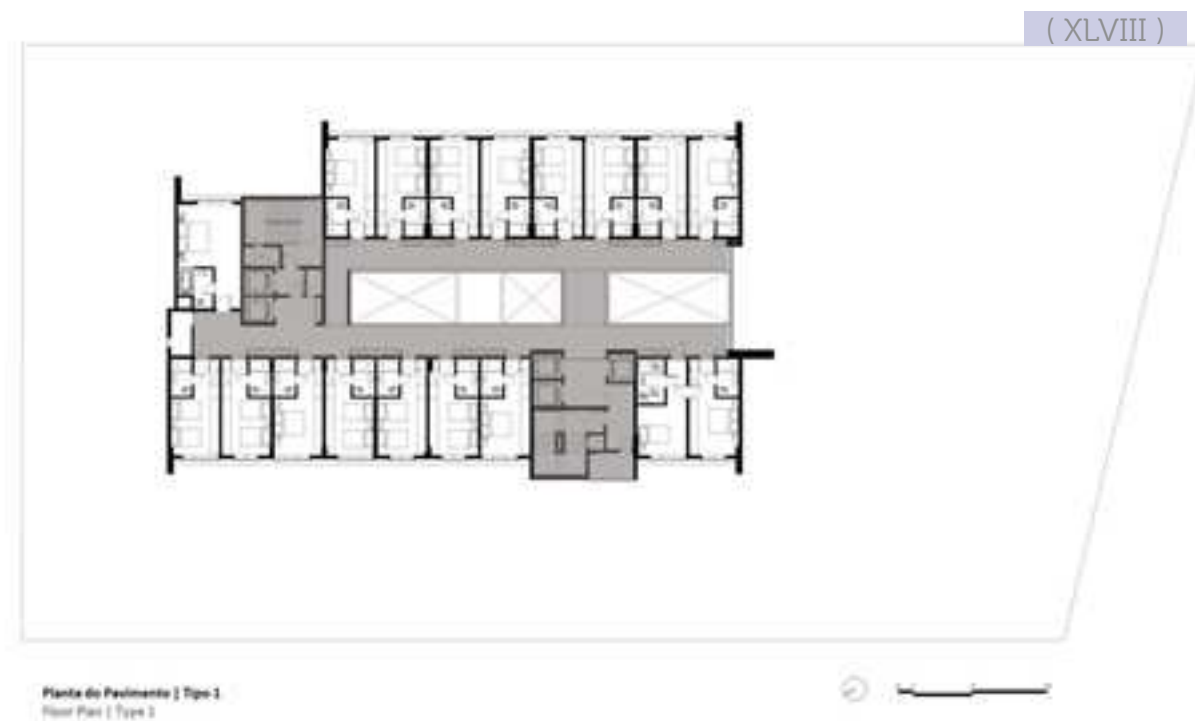
Neste projeto é possível perceber que os espaços de convivência e compartilhamento se dão em áreas internas e externas, se estendem por vários ambientes e se comunicam com a cidade. Além disso, constato que esses espaços são os responsáveis por unificar todo o conjunto, o que ressalta ainda mais a relevância deles na edificação.

As habitações, por sua vez, não se encontram interligados por estreitos corredores, mas sim por áreas que incentivam a convivência e que diminuem segregação dos ambientes privados.

A diminuição da segregação das habitações particulares é positiva, pois reestrutura e distancia o coliving de características presentes nos apart-hotéis, por exemplo, onde encontramos áreas privativas e públicas em lugares distintos e pré-determinados, e caminhamos por estreitos e longos corredores até chegarmos nos aposentos. Todavia, devo me atentar, durante a elaboração dos ambientes, para não reduzir o conforto e a privacidade dos habitantes, consequência da criação de áreas comuns inadequadas e barulhentas próximas às áreas domiciliares. Existe um limite onde a diminuição da segregação deixa de ser positi-

va e passa a ser prejudicial.

Nas imagens abaixo, destacado na cor cinza, temos a relação dos corredores em relação aos quartos, presentes na maioria dos hotéis.



( XLIX )



Planta do Pavimento | Tipo 2  
Floor Plan | Type 2

A variedade de espaços compartilhados existentes no projeto é grande, e se estende desde salas de televisão e espera, até áreas para trabalho, academia, auditório, cozinhas compartilhadas, espaços para armazenamento de itens, entre outros. Complementando o

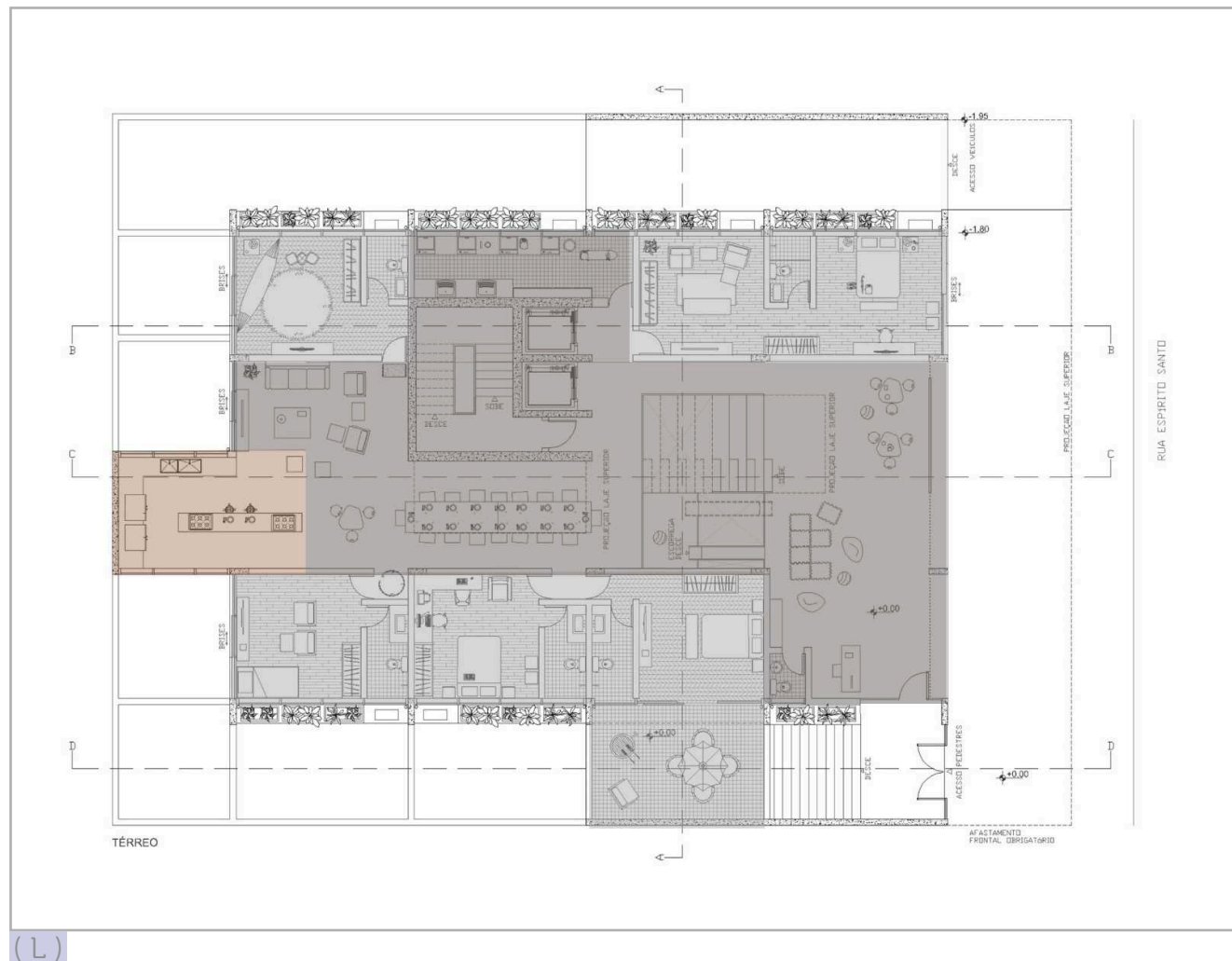
programa e integrando ainda mais a edificação com a cidade, existem ambientes terceirizados como um café/restaurante e um coworking, anexados a uma grande praça pública. O morador é induzido a percorrer toda edificação, com o intuito de aumentar os en-

contros e as trocas de experiências entre as pessoas que por ali passam. Em todos os andares do bloco de habitações privativas, existem cozinhas compartilhadas com a intenção de transformar o momento de refeições em oportunidades para se relacionar com o próximo. O layout das áreas comuns que interligam os apartamentos, se repete em todos os pavimentos, o que diminui a sensação de flexibilidade dos ambientes. Pude perceber, que o projeto contém uma garagem consideravelmente pequena para a quantidade de andares que a edificação possui (quando comparamos com as leis municipais de Uberlândia para esse tipo de espaço) e que existe um ambiente para o armazenamento de bicicletas.

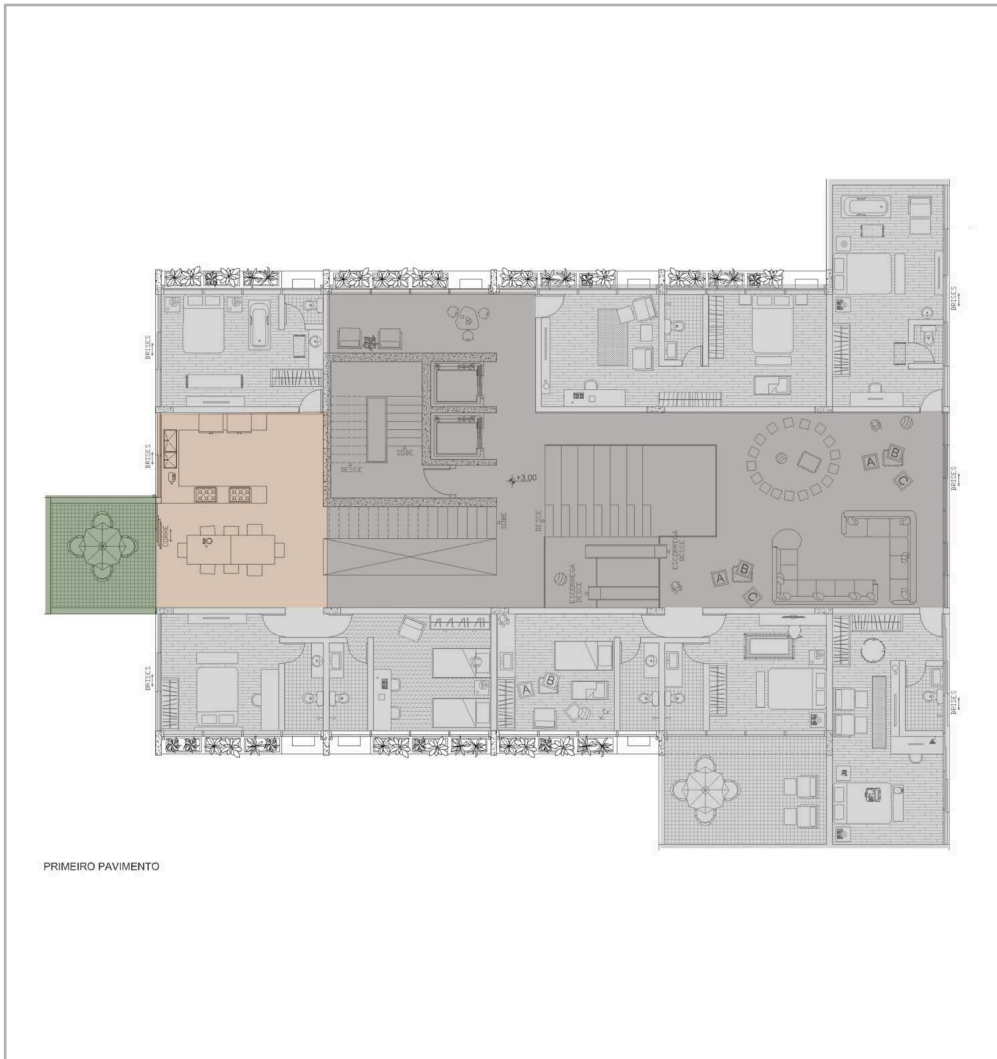
( XLIX ) Demonstração de corredores comuns em hotéis. Wyndham Garden Hotel. Fonte: Archdaily.com

## Coliving Espírito Santo

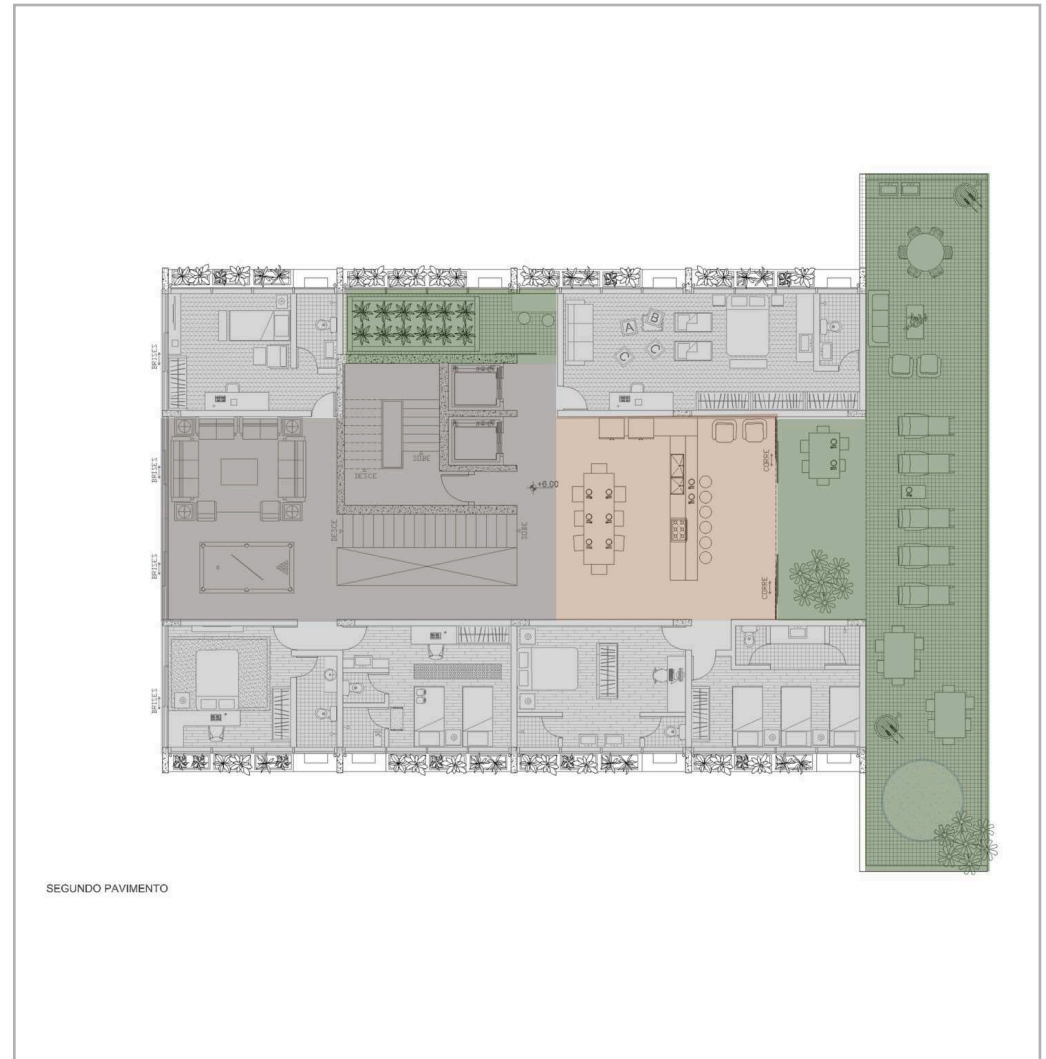
- habitações íntimas
- espaços de convivência e compartilhamento internos
- coworking
- cozinha compartilhada
- garagem
- espaços de convivência e compartilhamento externos
- área técnica



( L ) Fonte: Flat27arq.br

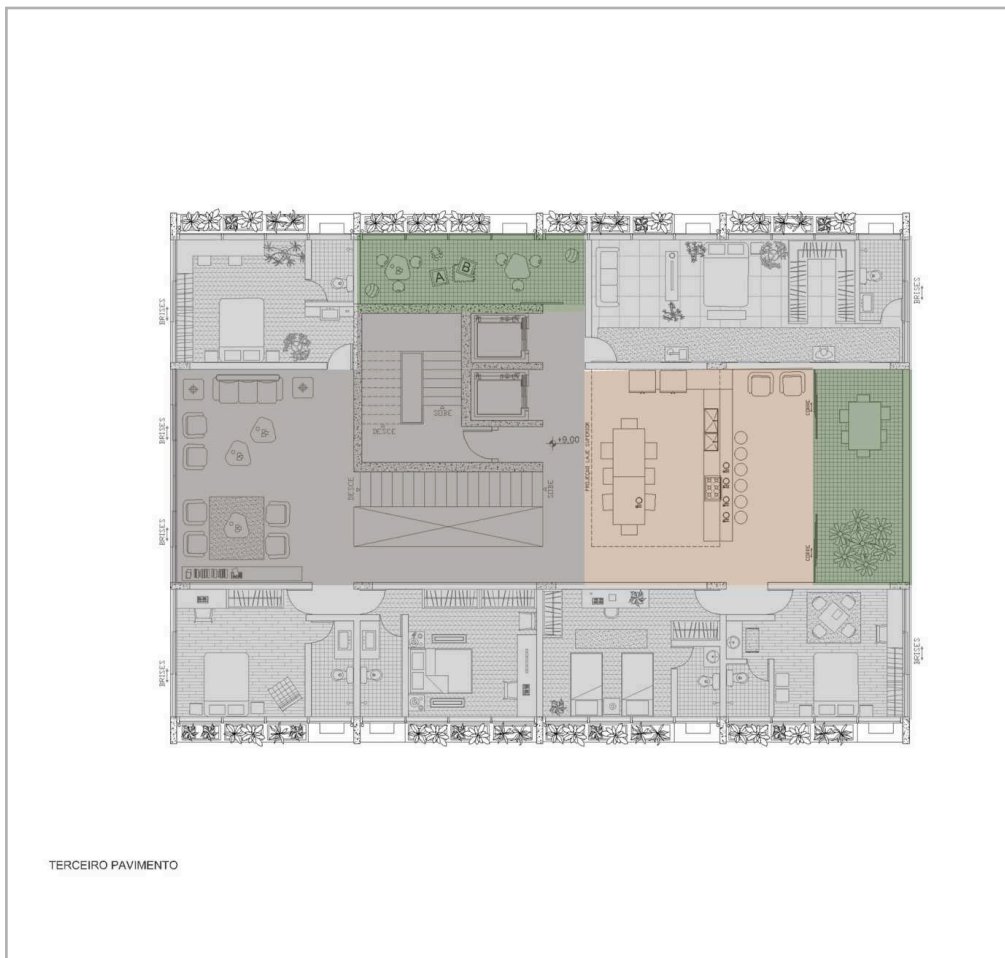


( LI )

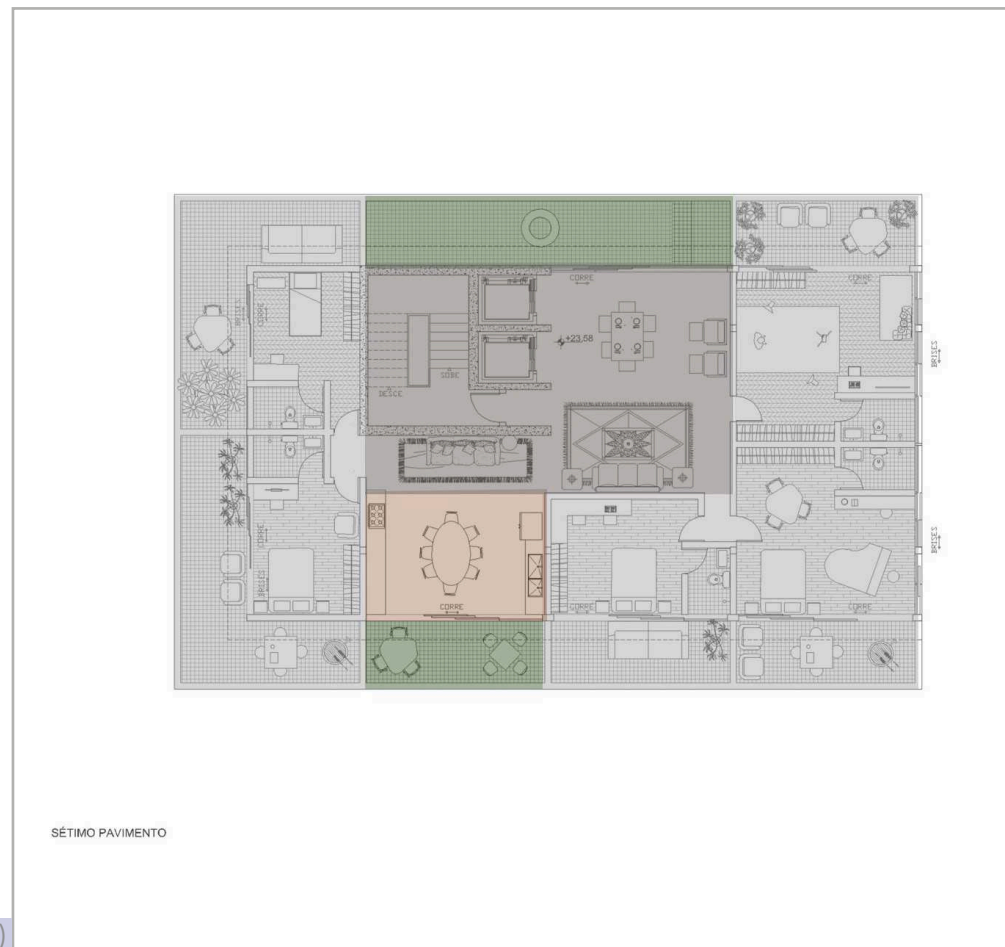


( LII )

( LI ) Fonte: Flat27.arq.br  
 ( LII ) Fonte: Flat27.arq.br

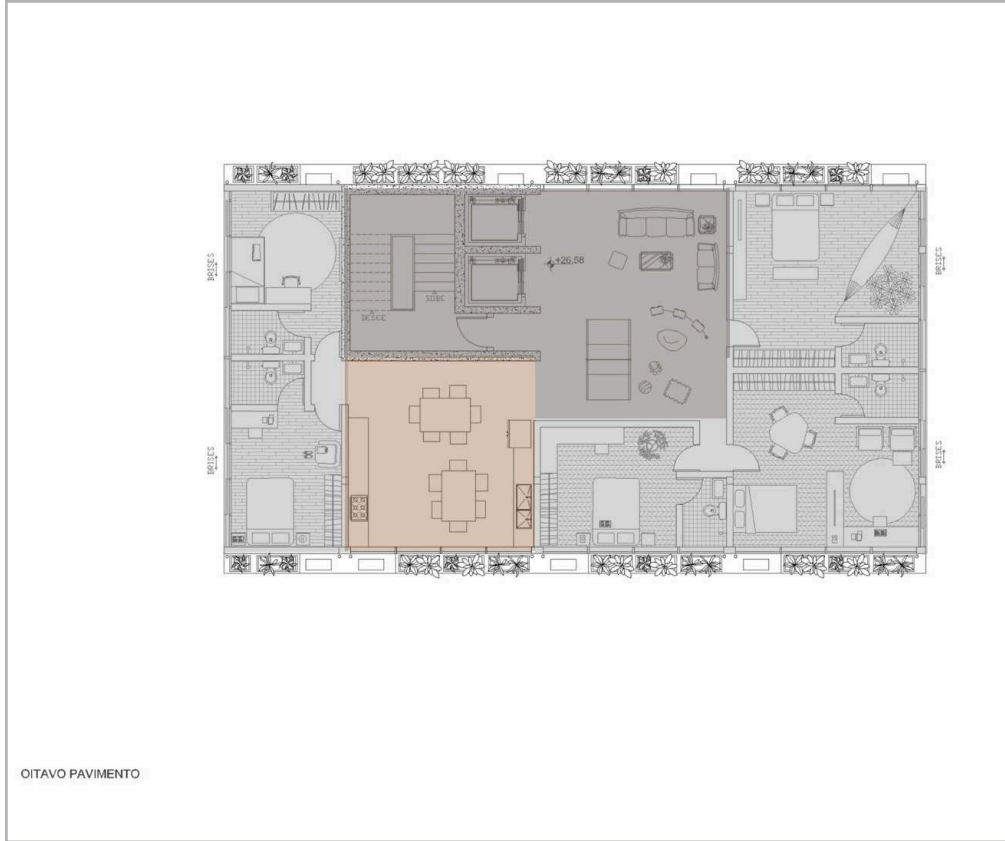


( LIII )

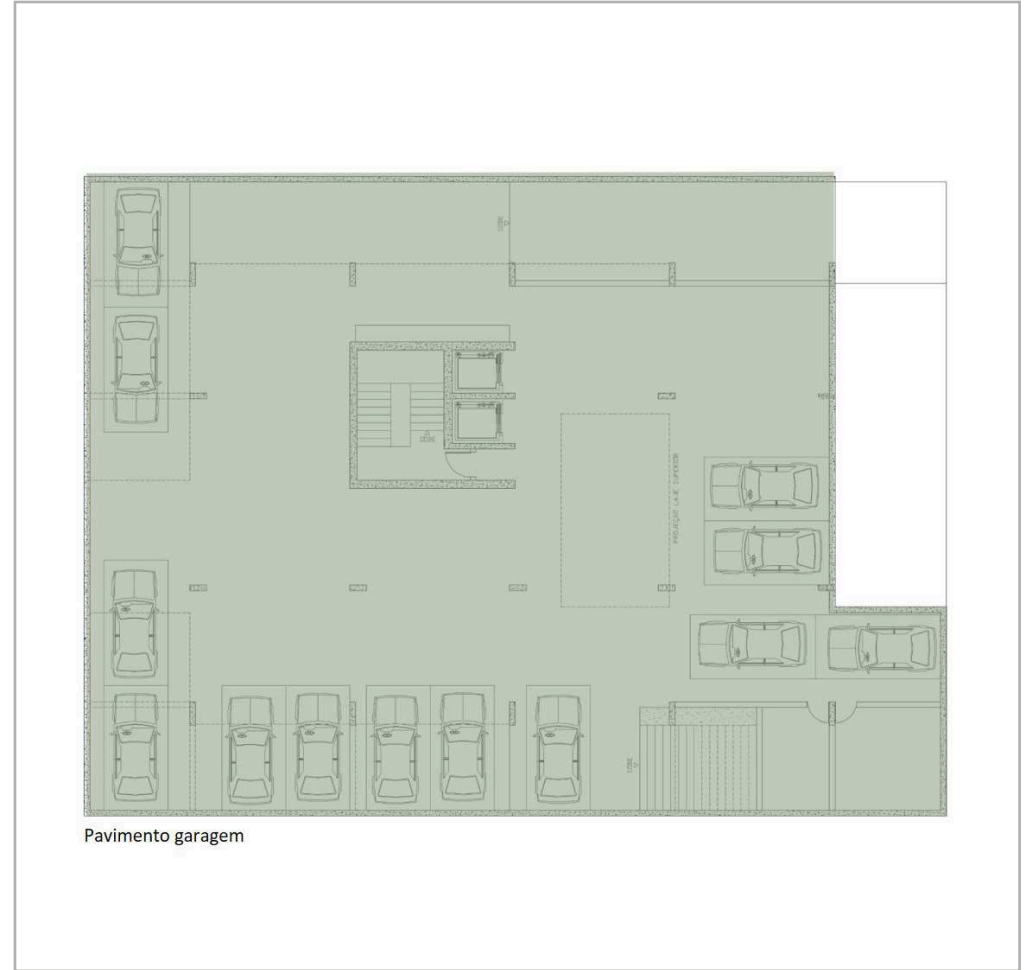


( LIV )

( LIII ) Fonte: Flat27.arq.br  
 ( LIV ) Fonte: Flat27.arq.br

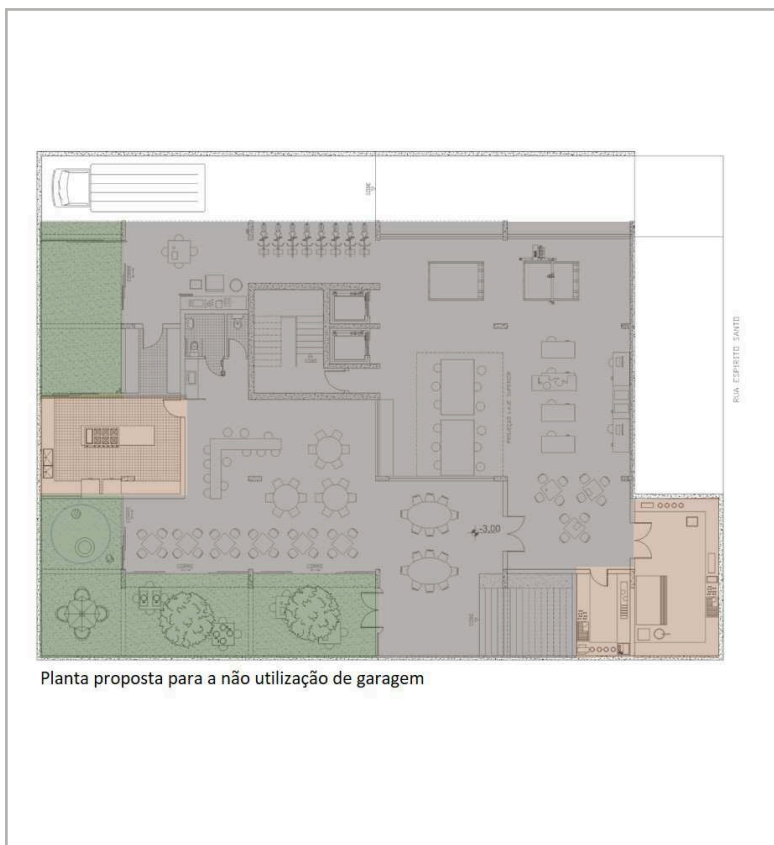


( LV )



( LVI )

( LV ) Fonte: Flat27.arq.br  
 ( LVI ) Fonte: Flat27.arq.br



Planta proposta para a não utilização de garagem

( LVII )

É possível perceber que, diferente do projeto anterior, as áreas de convivência e compartilhamento externas aparecem principalmente em forma de varandas de tamanhos desiguais e não são responsáveis por interligarem ou darem acesso aos demais ambientes. Posso classificá-las como uma forma de extensão das áreas compartilhadas internas.

Através do estudo feito na planta térrea e demais vistas da edificação, notei que o projeto não possui uma relação direta com as vias públicas, o empreendimento apresenta muros laterais e uma pequena recepção para a entrada de moradores. Logo no térreo, após a passagem pela recepção, encontramos apartamentos e um hall com ambientes compartilhados destinados aos que ali habitam.

Eliminando qualquer tipo de corredor, nessa proposta o arquiteto projetou grandes halls com espaços flexíveis de convivência e permanência, sem tipificação de ambientes, responsáveis por orientar os habitantes até seus

quartos. A cozinha compartilhada também aparece de maneiras diferentes em todos os pavimentos da edificação, compondo as áreas de encontros.

Diferente da proposta do projeto de moradia compartilhada anteriormente apresentada, conclui através da leitura dos layouts, que cada andar do Coliving Espírito Santo se assemelha a uma grande habitação unifamiliar. A disposição dos quartos que circundam o grande hall e os espaços que o compõem, suprem as necessidades das pessoas que naquele andar possuem seus apartamentos. Dessa maneira, não há uma obrigação dos habitantes percorrerem os outros pavimentos.

A criação dessa semelhança, amplia ainda mais a identificação e a sensação de lar, entre o morador e a sua moradia, algo de extrema importância quando se trata de moradia compartilhada, pois mesmo dividindo certos ambientes com outras pessoas, é necessário que o habitante se sinta em casa.

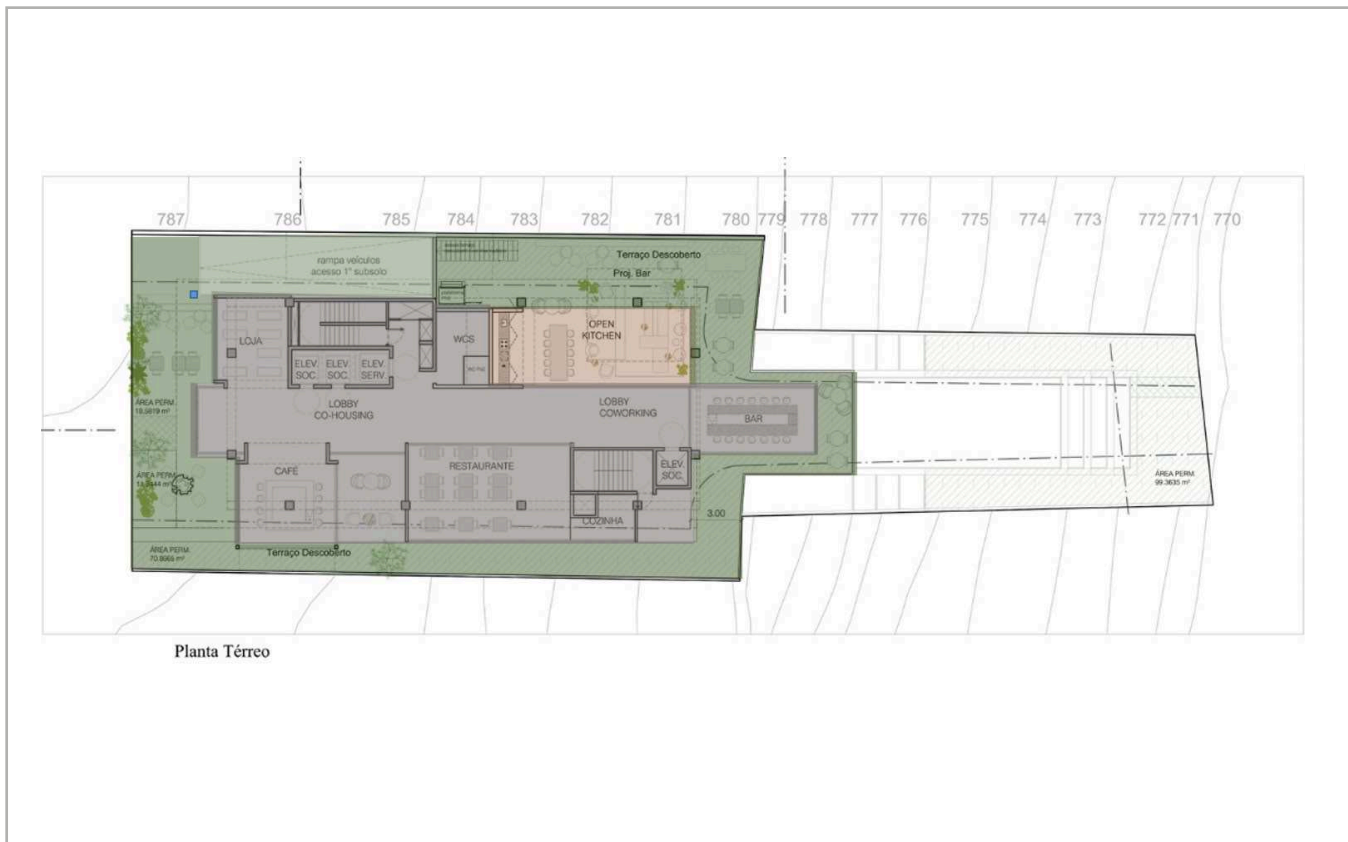
Não há uma grande diversificação no programa dessa edificação. As áreas compartilhadas apesar de serem ambientes flexíveis e não segmentados, variam apenas entre salas de estar, salas de jantar, salas de televisão, cozi-

nha, uma academia e espaços para crianças. Não há ambientes terceirizados ou que possam captar o público das ruas.

Neste projeto, o arquiteto faz um estudo de como aproveitar o espaço que poderia ser destinado a garagem, e cria áreas de encontros e troca de experiências para os habitantes do coliving. O autor do projeto não é a favor da quantidade de vagas de garagem que é imposta pelas leis municipais.

### Edifício AMATA

- habitações íntimas
- espaços de convivência e compartilhamento internos
- coworking
- cozinha compartilhada
- garagem
- espaços de convivência e compartilhamento externos
- área técnica



Planta Térreo

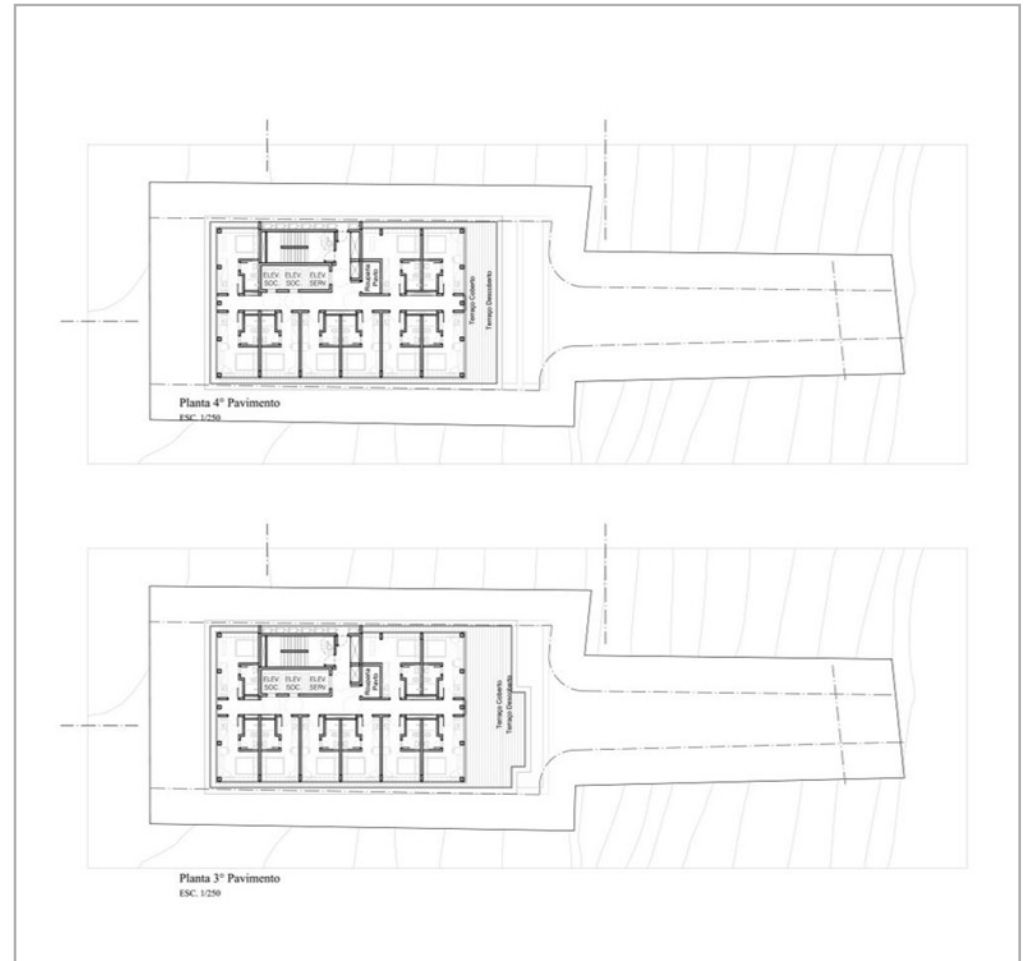
( LVIII )

( LVIII ) Fonte: AU.com

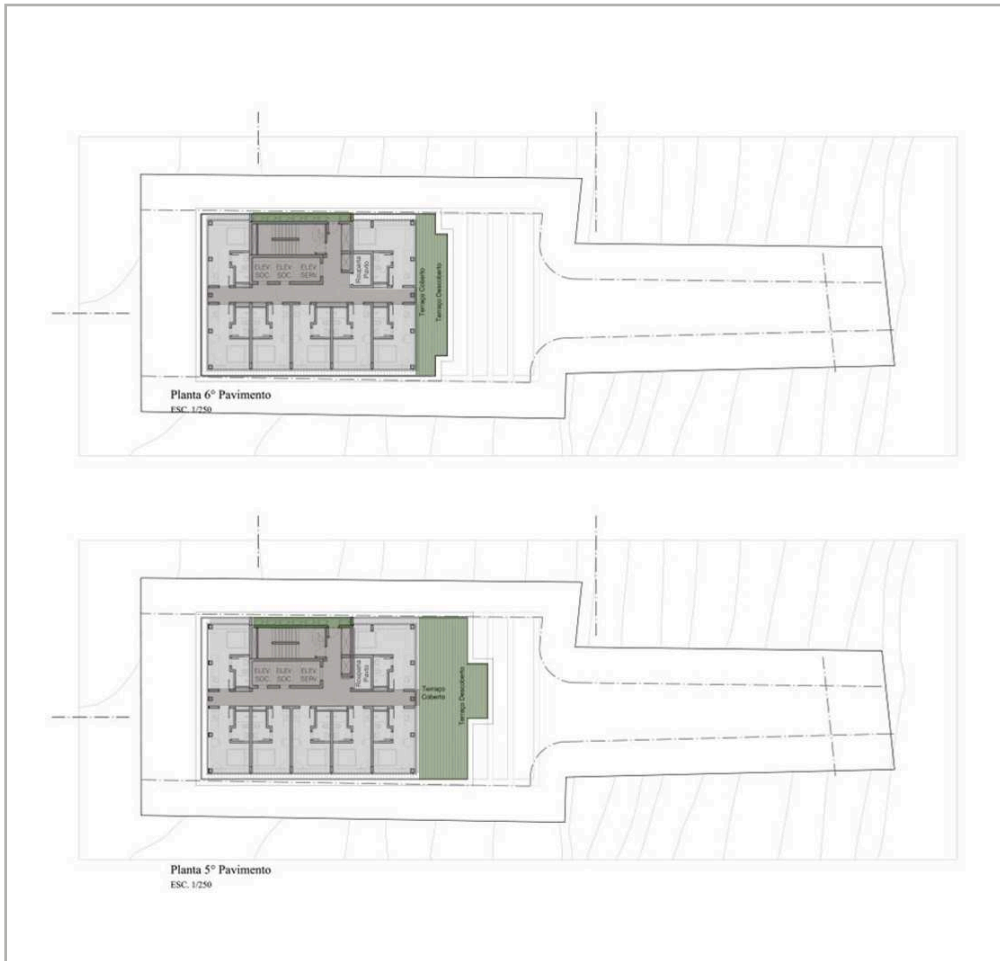




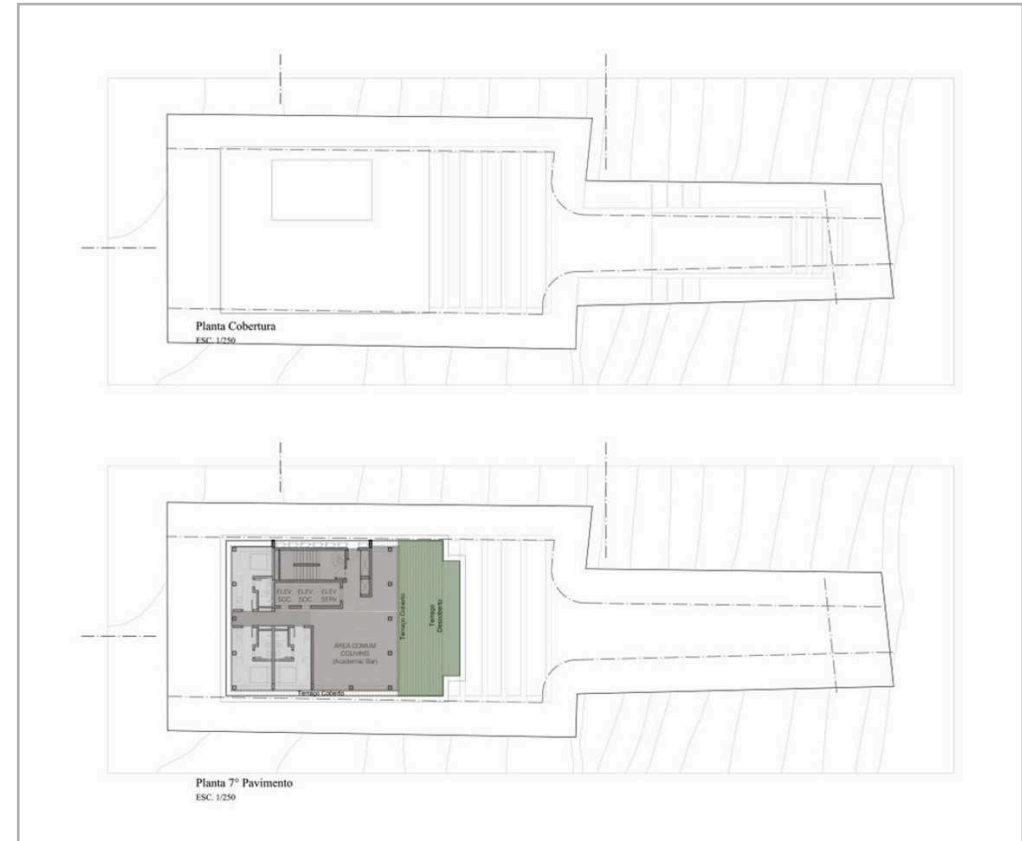
( LIX )



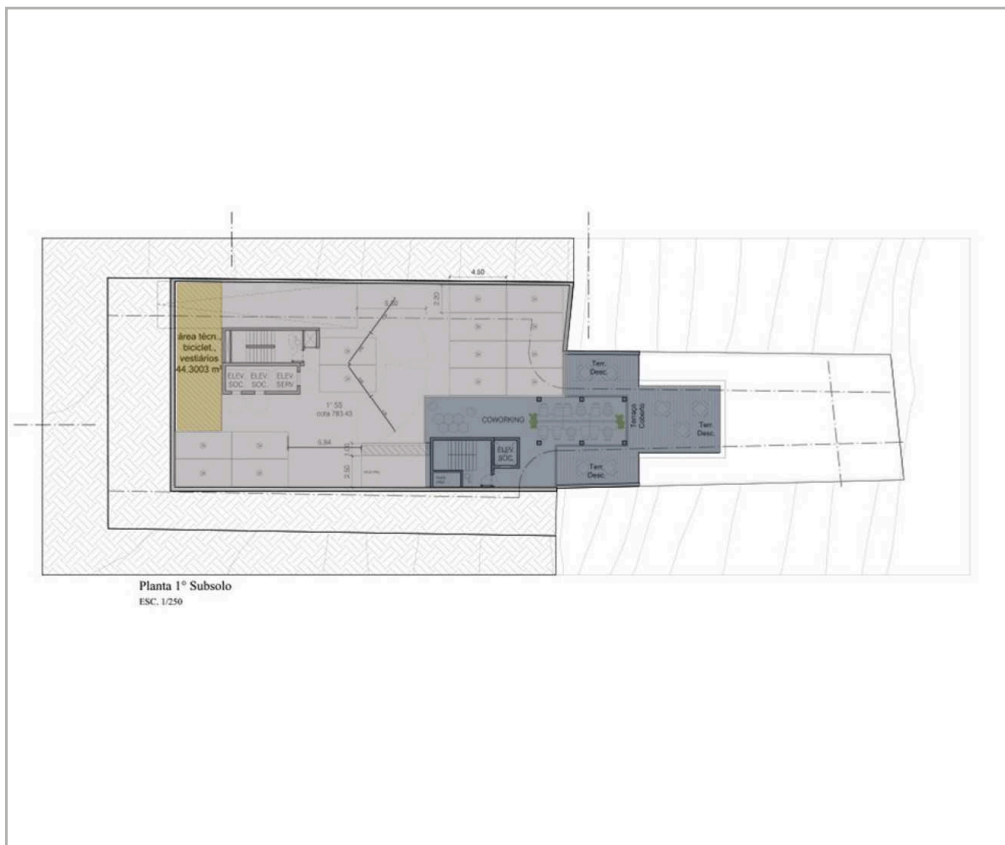
( LX )



( LXI )



( LXII )

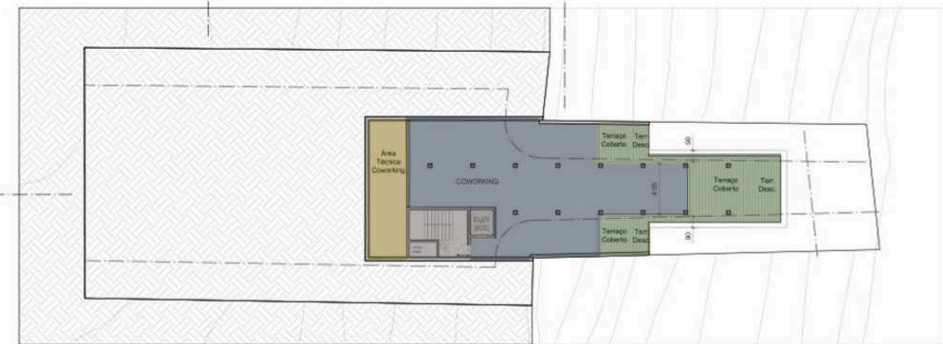


( LXIII )

( LXIII ) Fonte: AU.com  
( LXIV ) Fonte: AU.com



( LXIV )





( LXV )

O projeto acima possui dois acessos responsáveis por conectarem o empreendimento a cidade e que convidam o público em geral a conhecer o projeto. O primeiro, localizado no térreo da edificação, possui ambientes terceirizados como: um restaurante, um café e uma loja, além de diversas mesas e áreas para espera dentro e fora do projeto. Todos esses espaços incentivam a criação de relações entre o público habitante do coliving e a população da cidade, já que ainda neste pavimento encontramos uma cozinha compartilhada destinada aos moradores das habitações privadas. A segunda entrada, está vinculada ao coworking oferecido pelo programa do projeto, e também é terceirizado. Os acessos diferentes entre o coliving e o coworking, selecionam o público habitante das áreas privadas e ao mesmo tempo estimulam a entrada da população para dentro da edificação. Além do mais, os indivíduos que ali residem são incentivados a percorrer e a usar esses espaços permitindo

que os encontros aconteçam. Os ambientes de convivência e compartilhamento localizados nas áreas externas aparecem principalmente em forma de sacadas, com tamanho e disposição diferentes, em todos os pavimentos do projeto. Percebo que a maioria desses espaços acontecem como um prolongamento dos corredores de acesso as habitações e ao coworking. Não há uma grande praça aberta capaz de unir os espaços da edificação, assim como vemos no primeiro estudo de caso, mas há uma espécie de praça coberta denominada como “térreo” que cumpre a função conectora entre a parte superior da edificação com a parte inferior. Diferente dos projetos analisados anteriormente, o caminho que leva os indivíduos as suas habitações privadas são corredores, e a única cozinha compartilhada do coliving está localizada no térreo da edificação. Características que obrigam o indivíduo e percorrer o empreendimento de acordo com as suas necessidades. O programa do projeto é composto por unidades privadas e espaços compartilhados como: cozinha, academia, sacadas cobertas ou não, ambientes de espera e de estar, e os

( LXV ) Fonte: AU.com

ambientes terceirizados já citados.

De acordo com a análise das plantas do projeto, é possível identificar um acesso à garagem do empreendimento, no entanto, não foram divulgados desenhos que pudessem especificar de que forma ela acontece.

## Sobre as habitações íntimas de cada projeto

### Modular Garden Coworking&Coliving Center em Kiev

■ habitações íntimas

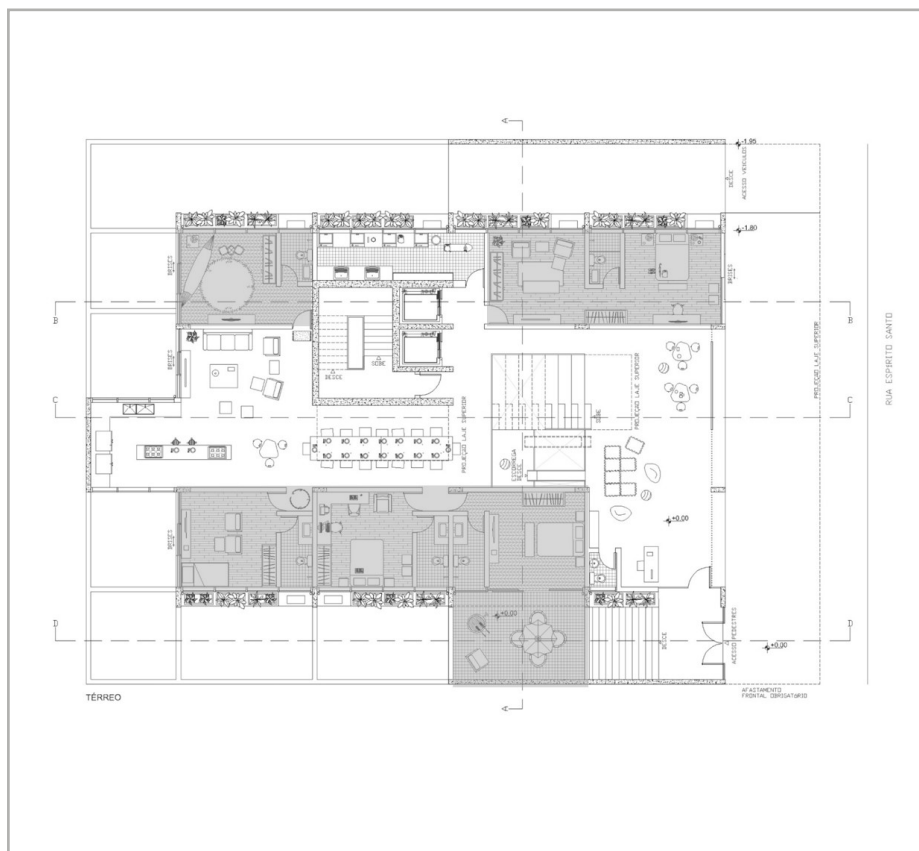


Uma crítica que atribuo a esse projeto é sobre a repetição do módulo dos quartos, pois como graduanda em arquitetura e urbanismo, acredito que a tipificação do ambiente, diminui a probabilidade do morador identificar-se com local e sentir-se realmente em casa. Seria interessante se os moradores pudessem escolher o layout e mobiliário de suas habitações. De acordo com as análises feitas, as habitações privadas deste projeto não possuem espaço para refeições rápidas, elas suprem apenas necessidades mínimas pessoais básicas, e para isso contém uma cama, um banheiro individual, uma mesa e um local para armazenamento de itens. Por este motivo, todos os pavimentos possuem uma cozinha compartilhada em seu hall. As sacadas, por sua vez, são privadas de cada quarto.

( LXVI )

## Coliving Espírito Santo

habitações íntimas



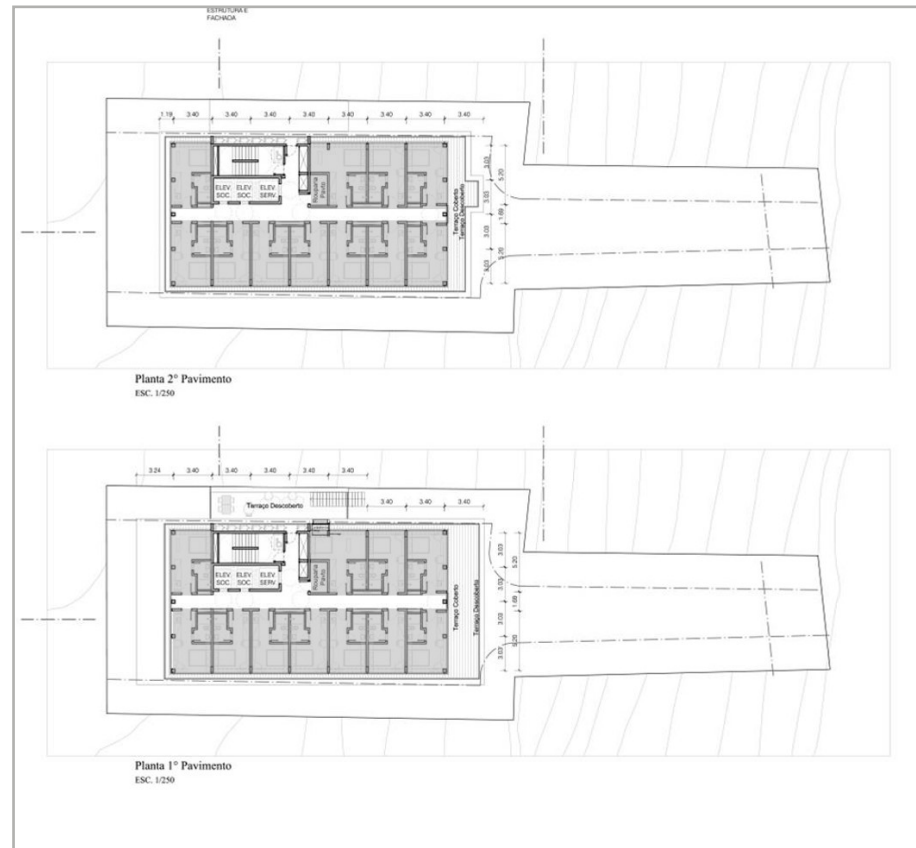
O Coliving Espírito Santo apresenta plantas flexíveis e espontâneas, sem que haja uma especificação rígida de zoneamento, em cada pavimento os ambientes acontecem de uma forma diferente. Os quartos seguem essa ausência de tipificação e possuem tamanhos e distribuições de mobiliários diferentes. Por consequência das variações de espaço e tamanho, alguns quartos suprem mais do que somente as necessidades pessoais básicas e contemplam pequenas salas e espaços de trabalho acopladas aos ambientes privativos, chegando mais próximo das características e anseio de cada morador. As varandas aparecem ora agregada as habitações ora como área de convivência e permanência comum.

( LXVII )

( LXVII ) Fonte: Flat27.arq.br

## Edifício AMATA

### habitações íntimas



As habitações íntimas se repetem em formato, tamanho e layout. Todos os andares destinados ao coliving possuem no final do corredor que leva aos quartos, ambientes externos compartilhados, tendo eles cobertura ou não. E não há sacadas privativas nos aposentos.

Um fator que pode explicar a ausência de cozinha compartilhada nos demais andares, é o fato dos quartos atenderem as necessidades básicas pessoais dos moradores, inclusive contendo área para refeições rápidas. O que difere esse modelo de habitação, dos analisados anteriormente.

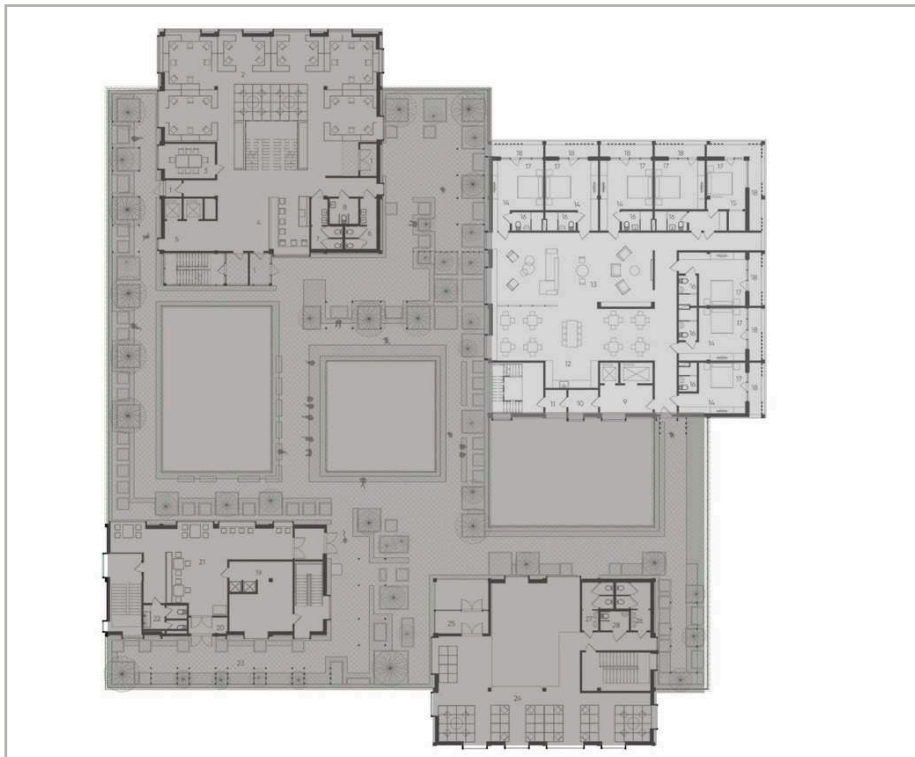
( LXVIII )

## Sobre os espaços íntimos x espaços compartilhados em cada projeto

### Modular Garden Coworking&Coliving Center em Kiev

■ habitações íntimas

■ espaços de convivência e compartilhamento internos



Apesar do hall que dá acesso aos quartos conter espaços compartilhados, podemos perceber que devido a volumetria e a implantação o arquiteto responsável pelos desenhos, dividiu o projeto em "zonas". A "zona" dos espaços compartilhados aparece essencialmente na parte frontal do empreendimento, próxima a via pública com mais movimento, enquanto a "zona" composta pelas habitações privadas, se localiza em um outro bloco próximo a uma via mais pacata.

( LXIX )

( LXX )



A divisão do projeto a partir de blocos e a união deles através de uma grande praça aberta, induz os moradores a percorrerm o projeto como um todo e os incentivam a utilizarem as áreas de convívio e encontros.

( LXIX ) Fonte: Behance.net  
( LXX ) Implantação. Fonte: Behance.net



## Coliving Espírito Santo

- habitações íntimas
- espaços de convivência e compartilhamento internos



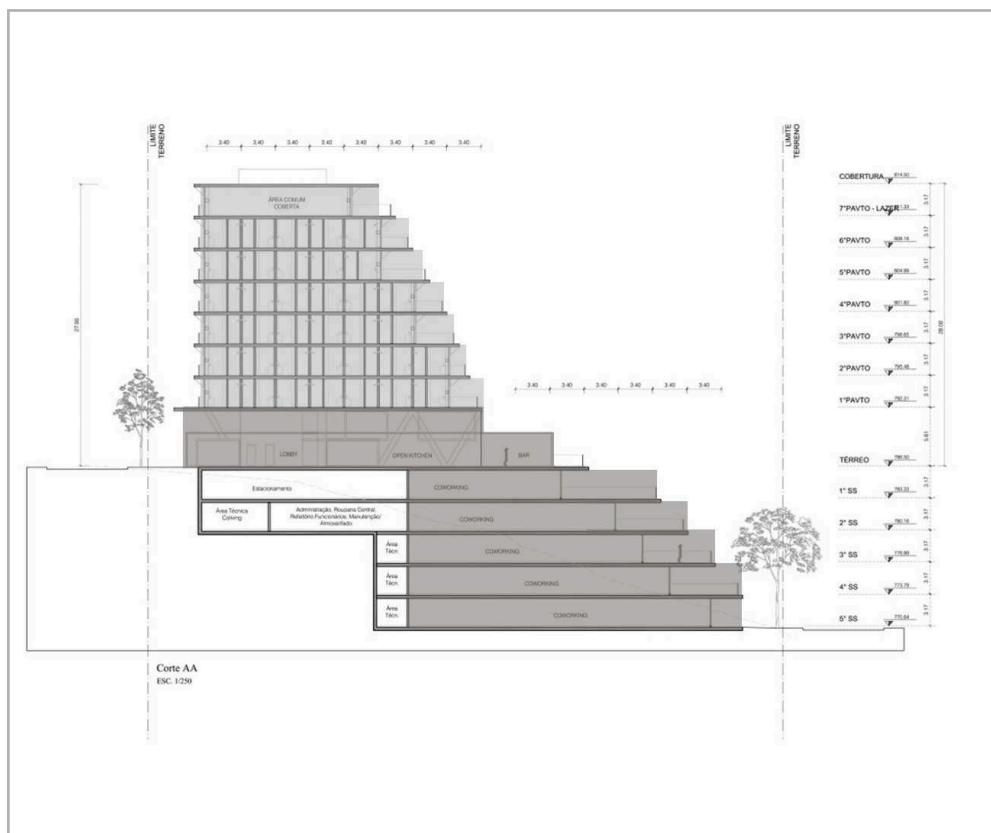
Analisando os desenhos do projeto, compreendo que na maior parte do edifício, as áreas compartilhadas aparecem na parte central da edificação junto ao eixo vertical dos pavimentos, e as habitações localizam-se principalmente nas extremidades de cada andar.

( LXXI )

## Edifício AMATA

habitações íntimas

espaços de convivência e compartilhamento internos



Levando em consideração que o coworking faz parte de áreas compartilhadas para trabalho, começo dizendo que o projeto possui um modelo de zoneamento tipificado e dividido entre parte superior e parte inferior.

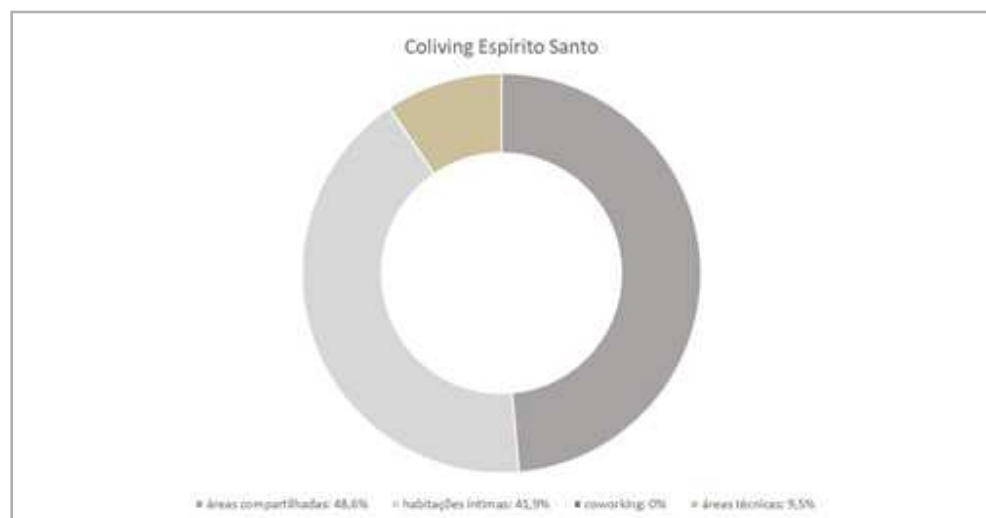
A "zona" com as habitações privadas está contida totalmente na parte superior da edificação, enquanto a "zona" de espaços compartilhados, inicia-se na porção inferior do projeto. É importante ressaltar que os espaços compartilhados estão próximos aos dois acessos da edificação, e que nestes, há diversos ambientes terceirizados que auxiliam no aumento do fluxo de pessoas oriundas de diversas localidades.

( LXXII )

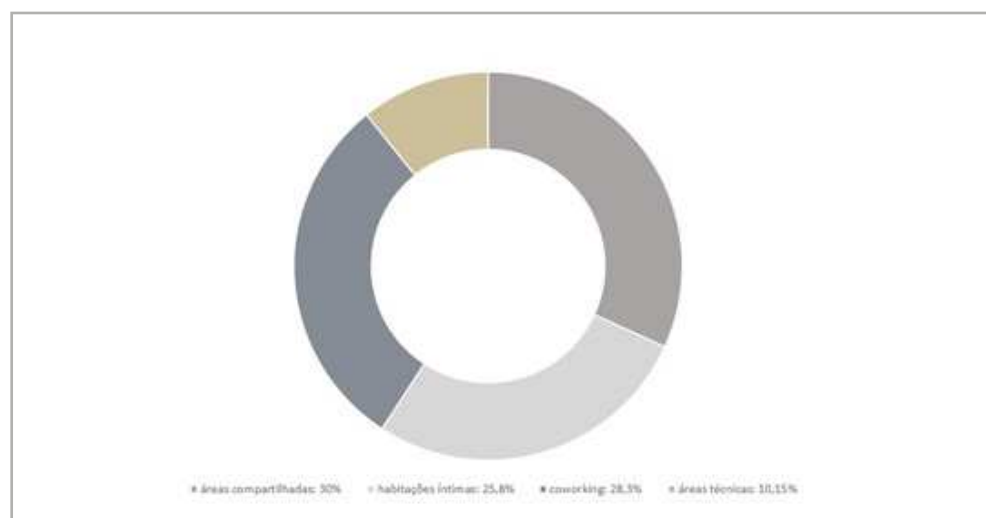
## Analisando mais a fundo

Através das plantas que continham escalas e medidas em dois dos projetos apresentados, o Coliving Espírito Santo e o Edifício AMATA, pude estimar porcentagens das áreas consideradas pelos arquitetos para a realização do projeto.

Analisando os gráficos abaixo, é possível perceber que as áreas compartilhadas aparecem como maioria e em seguida os espaços para habitações, dessa maneira, concluo que as áreas de convivência e encontros não fazem parte apenas do conceito e fundamentação, como também envolvem, determinam e unificam todo o projeto.



( LXXIII )



( LXXIV )

( LXXIII ) Fonte: Lopes, 2018.

( LXXIV ) Fonte: Lopes, 2018.

## Sobre um coliving existente

O coliving Old Oak, faz parte da rede de colivings The Collective localizados em Londres, no Reino Unido. A edificação foi projetada pelo escritório de arquitetura Whittam Cox Architects, e se situa em uma área afastada do centro da cidade Londrina. O projeto, que ficou pronto em 2016, faz parte de uma iniciativa que visa a revitalização e a reestruturação da área que antes estava sendo subutilizada.

Voltado para um público mais jovem, o projeto possui onze andares e está próximo à estação de metrô Willesden Junction na parte oeste da cidade em Ealing. Possui uma área de 16.000 metros quadrados, contendo 550 apartamentos pequenos e privativos denominados como área íntima, e ambientes como cozinha, spa, academia, restaurante, sala de jogos, cinema, biblioteca, lavanderia, e um coworking, compartilhados, estabelecidos no térreo e demais andares. Infelizmente, não foi possível ter acesso às plantas e outros desenhos que pudessem mostrar como o layout realmente funciona.

De acordo com o site da rede, os moradores pagam um aluguel mensal, e não precisam

se preocupar com gastos adicionais, como a limpeza dos cômodos, água, energia e wifi. Não há possibilidade para diárias.



( LXXV )

( LXXV ) Coliving Old Oak. Fonte: The Collective



( LXXVI )

( LXXVII )

### Service

- All-inclusive bill
- Linen change
- Wifi
- On-site maintenance
- Bi-weekly room clean

### Space

- Furnished personal space
- Private dining room
- Outdoor space
- Grocery store
- Gym
- Laundry facilities
- Shared kitchen
- Private event space
- Restaurant

### Community

- Community outings
- Networking
- Community team 24/7
- Community clubs
- Access to events

### Safety & Security

- Secured door entry
- Security guards 24/7
- Secured bike storage
- Building wide CCTV

( LXXVI ) Hall de entrada, Old Oak. Fonte: The Collective

( LXXVII ) Esquema de funcionamento e serviços oferecidos pelo Old Oak Co-Living. Fonte: site The Collective. (5)

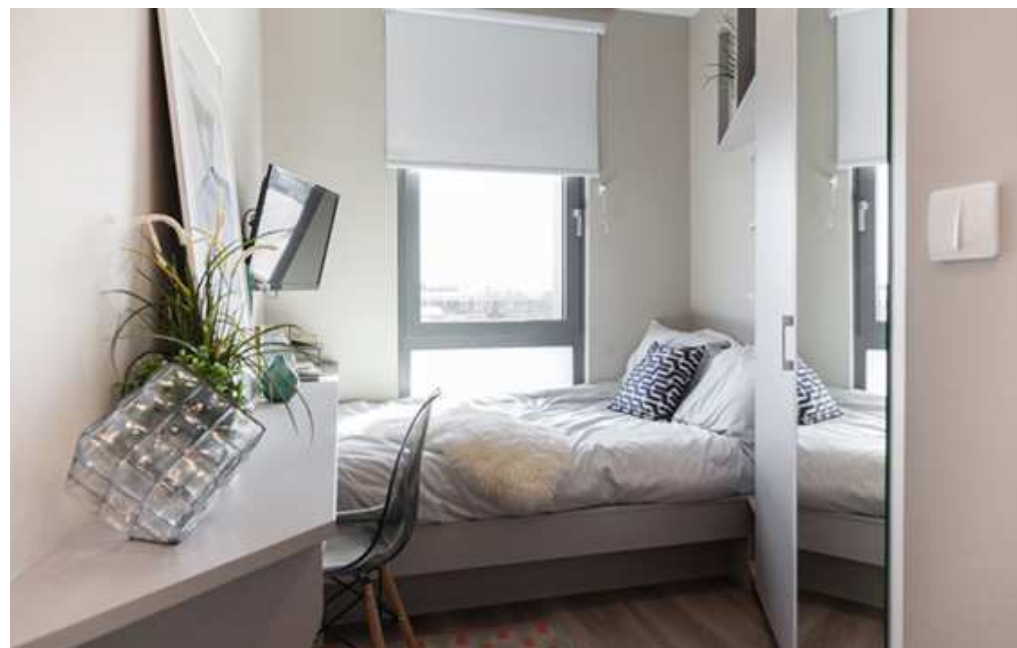
Os quartos apresentam medidas entre 10 e 20m<sup>2</sup> e existem apenas duas opções de acomodações, uma que possui cozinha privativa e outra não. Apesar do tamanho, os espaços são bem resolvidos, com banheiro privativo,

pequenas camas de casal, televisão, guarda-roupa, um outro espaço extra para armazenamento e uma mesa com cadeira, de forma com que a pessoa supra suas necessidades em seu espaço individual, mas que não fique

muito tempo isolado e possa partilhar conhecimentos e experiências com outras pessoas nos ambientes sociáveis.



( LXXVIII )



( LXXIX )

Outro ponto extremamente importante do projeto, é a maneira em que acontece a gestão da edificação, existe uma sociedade com várias empresas de Londres que hospedam

seus funcionários estrangeiros no coliving. Além do mais, um banco de dados contendo as características dos moradores foi criado pelo administrativo da habitação mista,

e é atualizado de acordo com a entrada de novos hóspedes, dessa maneira, quando um morador precisa de algum serviço ou alguma ajuda que esteja dentro das características

( LXXVIII ) Habitação, Old Oak. Fonte: The Collective  
( LXXIX ) Habitação, Old Oak. Fonte: The Collective

de outro morador, ambos são colocados em contato para que um possa auxiliar o outro, incentivando ainda mais o espírito de colaboração presente nas moradias compartilhadas. Tal associação com empresas também facilita na geração de emprego para os moradores do Old Oak, uma vez que, as instituições também têm acesso aos bancos de dados dos habitantes, entrando em contato com eles, caso precise.

Este coliving tem um prazo mínimo de es-

tadia de 18 semanas e máximo de 12 meses, pois dessa maneira, os moradores não criam vínculos perpétuos com o local e a rotatividade que é responsável pela troca de novas experiências, permanece. Por estar contido em uma rede com mais duas outras edificações com o mesmo conceito em Londres, o inquilino pode mudar-se para um dos dois outros projetos e continuar com a sua troca de experiência com pessoas diferentes.

Por fim, mais um ponto positivo da rede, é que

todos os empreendimentos são muito próximos a estações de metrô e trem de Londres, para facilitar a chegada e saída de indivíduos no local, visto que pessoas que não residem no prédio também podem aproveitar os seus espaços partilháveis, aumentando ainda mais o encontro de pessoas diferentes e que contribui a troca de experiências. O fácil acesso ao transporte público, foi uma das referências retiradas desse projeto para o meu trabalho de conclusão de curso.



( LXXX )



( LXXXI )

( LXXX ) Cinema compartilhado, Old Oak. Fonte: The Collective

( LXXXI ) Lavanderia, Old Oak. Fonte: The Collective



( LXXXII )



( LXXXIII )

( LXXXII ) Old Oak. Fonte: The Collective  
( LXXXIII ) Restaurante, Old Oak. Fonte: The Collective



( LXXXIV )



Por fim, através destes estudos, pretendo projetar uma habitação de moradia compartilhada e mista ainda mais elaborada, funcional e que consiga expressar os conceitos e fundamentos defendidos pelo trabalho, também nos desenhos arquitetônicos.

 WILLESDEN JUNCTION

## THE COLLECTIVE OLD OAK



( LXXXV )

( LXXXIV ) Área externa, Old Oak. Fonte: The Collective.

( LXXXV ) Estações de metrô próximas ao empreendimento. Fonte: The Collective



# SOBRE UM COLIVING EM UBERLÂNDIA

Bom, já que por enquanto falei sobre o conceito coliving e apresentei exemplos ao redor do mundo, irei explicar agora, os motivos que me fizeram criar uma edificação com esse tipo de conceito em Uberlândia.

Por ter uma localização geográfica estratégica, pois sua malha rodoviária está ligada a grandes centros nacionais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Goiânia, Uberlândia é considerada uma cidade privilegiada e muito visada por empresas nacionais e multinacionais. Atualmente, de acordo com a prefeitura do município, a cidade conta com grandes empresas do setor secundário, sendo algumas delas multinacionais, e com uma vasta movimentação tanto de produtos quanto de empresários que vem e vão diariamente.

Ademais, Uberlândia faz parte, de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) de 2014,

estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com base em dados de 2013 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), das regiões em que os filhos saem mais tarde de casa com uma faixa etária entre 25 e 34 anos que ainda moram com os pais. De acordo com o estudo, entre 2002 e 2013 a porcentagem de jovens que adiaram a saída de casa, na região sudeste, aumentou de 20% para 24%.

Ainda de acordo com o IBGE, a baixa remuneração é uma das principais causas para os jovens brasileiros estenderem os anos nas casas dos pais. Entre aqueles de 15 a 29 anos que trabalham, 39,6% tinham rendimento de até um salário mínimo em 2012, e somente 18,2% tinham rendimento superior a dois salários mínimos. Falando mais especificamente da região Sudeste, onde estamos inseridos, a faixa de rendimento para os homens é de

1.611 reais por mês, enquanto a da mulher é de 1.142 reais por mês. Apesar de não ser um valor alto, o Sudeste é a segunda melhor região do país nas pesquisas relacionadas a renda da população, perdendo apenas para a região Centro-Oeste.

Em vista disso, concentro o meu público-alvo para o projeto de moradia compartilhada os perfis que se enquadram nas situações descritas acima, como: empresários que tenham sido transferidos através das empresas que aqui existem, jovens que já moram ou pretendem morar sozinhos, recém-casados ou divorciados, que buscam um local para residir que atenda suas necessidades, substitua a casa dos pais, seja seguro, confortável e com um preço acessível.

O coliving funcionará da seguinte maneira, os moradores terão, a partir do pagamento de um aluguel, acesso a todos os ser-

viços e espaços compartilhados do conjunto, e a disponibilidade para escolher suas habitações privativas, das quais existem dois layouts sugeridos pelo empreendimento. O primeiro com cerca de 26m<sup>2</sup>, contém uma cama de casal, armário, televisão, mesa, cadeiras para refeições e estudos, um banheiro, uma bancada com uma pia, frigobar, micro-ondas e um cooktop com duas bocas, caso o habitante sinta necessidade de ter uma pequena cozinha em seu domicílio para refeições "rápidas". Já o segundo layout proposto, com aproximadamente 18m<sup>2</sup>, possui uma cama de casal, armário, televisão, uma mesa e uma cadeira para estudo e um banheiro.

Apesar das sugestões de layout, as habitações também podem ser mobiliadas pelos próprios moradores, as paredes em drywall acústico e as instalações no teto ficarão aparentes, de maneira que os indivíduos possam ocupar os espaços privativos da maneira que preferirem. A redução das propriedades privadas não significa por outro lado uma redução na qualidade de vida. Muito pelo contrário, a coletivização dos bens pode proporcionar acesso a produtos e serviços que seriam impensáveis de serem adquiridos por indivíduos isolada-

mente.

Os bens serão em grande parte de propriedade coletiva, reservando aos indivíduos a posse exclusiva de uma quantidade restrita de bens. Tal atitude pode significar uma redução nos gastos com consumo material, gerando uma economia para as famílias que pode ser usada em outras atividades como lazer e cultura.

O foco no uso comunitário, além de possibilitar a fomentação de um grupo solidário no edifício, é também uma forma de educação de sociabilidade. Em uma época em que a privatização, o individualismo e o egoísmo estão crescentes, cabe analisar o poder que a arquitetura pode ter em resgatar valores como a fraternidade, a partilha e o respeito pelo próximo e pelo bem comum.

Para se diferenciar de redes hoteleiras e priorizar a rotatividade e o incentivo a troca de experiências a partir das diferenças e semelhanças entre indivíduos, o COM PARTILHA terá um período mínimo e máximo de estadia, sendo seis meses o período mínimo e três anos o período máximo.

A moradia compartilhada projetada, assim como o Coliving Old Oak em Londres, contará com um sistema banco de dados que

armazenará as características, os hobbies e alguns dados pessoais dos moradores, como por exemplo, a data de nascimento e o número da habitação em que está residindo, para que, em caso de necessidade, outros moradores tenham acesso as qualidades um dos outros e dessa maneira possam se contatar para criação de um vínculo de auxílio e coletividade.

Empresas que se interessarem também poderão ter acesso ao banco de dados dos habitantes, de maneira que, caso precisem de algum serviço ou de um novo funcionário, possam contar com as características pré-selecionadas pela gestão do coliving e quem sabe entrar em contato com o indivíduo.

Através de um aplicativo desenvolvido, os inquilinos do COM PARTILHA, poderão solicitar serviços como a arrumação dos quartos em dias diferentes dos dias previstos, entrar em contato direto com a gestão do empreendimento, ver os pontos de ônibus e rotas próximas, saber sobre o tempo, ver disponibilidade das bicicletas e dos carros compartilháveis, ter acesso aos horários e tipos de serviços oferecido pelo coliving e a localização de cada um em um "mapa da edificação". O aplicativo ain-

da irá disponibilizar um chat apenas para os moradores e intermediará reservas e horários de uso do coworking.









Em relação a alimentação, será feita uma compra a cada duas semanas com elementos indispensáveis para uso dos moradores, através do aplicativo eles podem anotar o que está faltando e quais são as suas necessidades. Os responsáveis pela gestão das habitações privativas se encarregarão de organizar a lista de compras, e os demais alimentos que sejam de interesse particular de cada indivíduo, deverão ser comprados e guardados pelo morador.

O aluguel, como dito anteriormente, dará o direito aos usuários de usufruírem dos serviços oferecidos pelo conjunto misto presentes no quadro a seguir. É importante ressaltar que além desses serviços e espaços compartilháveis oferecidos pelo próprio coliving, foram pensados em ambientes com planta livre e paredes em módulos, para que serviços externos possam alugar estes espaços e montá-los de acordo com a sua necessidade, agregando potencial e variedade ao projeto, conectando-o ainda mais com a cidade.









Ressalto que, os serviços complementares foram escolhidos através dos estudos feitos no entorno, pois não haviam atividades como estas dentro da área analisada.

Os espaços comerciais rotativos são responsáveis pela dinâmica dos serviços existentes no projeto, pois deste modo é possível utilizar um mesmo lugar para tipos de atividades diferentes, seja em dias específicos da semana ou em horários alternativos.












#### **Serviços oferecidos aos moradores pelo COM PARTILHA**

-  Wifi
-  Limpeza bissemanal das habitações
-  Carros elétricos compartilháveis
-  Bicicletas compartilháveis
-  Segurança 24 horas
-  Estacionamento
-  Câmeras
-  Compras de Supermercado

#### **Serviços complementares para moradores e público em geral**

-  Oficina para bicicletas
-  Café
-  Restaurante/ Bar
-  Auditório
-  Coworking
-  Papelaria
-  Lavanderia
-  Espaços comerciais rotativos

#### **Espaços compartilhados somente entre os moradores**

-  Espaço de leitura
-  Espaço com churrasqueira
-  Cozinha
-  Sala de jantar
-  Sala de estar
-  Sala de cinema
-  Sala de jogos
-  Academia
-  Depósito de ferramentas
-  Dispensa ou depósito de mantimentos
-  Depósito de materiais de limpeza



# A ARQUITETURA INDUZ

## Sobre os estudos

Utilizando croquis e desenhos, foram feitos estudos de massas com opções de como o espaço poderia ser aproveitado, levando em consideração as condições encontradas no entorno e no próprio terreno. A princípio, alocar o empreendimento com as habitações privadas mais próximas da via com menos movimento, me pareceu algo interessante, uma vez que, temos além dos ruídos das vias movimentadas que rodeiam o terreno, quadras de futebol e locais para eventos, localizados na Av. Rondon Pacheco, que podem gerar ainda mais barulho. Ademais, posicionar os serviços oferecidos pelo coliving mais próximos das avenidas e dos acessos de pedestres, foi outra estratégia para induzir as pessoas que não são moradores do empreendimento a entrarem no local.

O acesso de pedestres foi pensado para ser bem fluido, de maneira que as pessoas, sejam cadeirantes ou não, possam entrar no conjunto por onde acharem mais adequado, visto que o térreo será uma grande praça que se adapta aos novos modelos de convivência, assim como defendido por Portzamparc, em sua obra "A terceira era da cidade". As quadras abertas aparecem como uma solução contemporânea

para os grandes aglomerados urbanos como, "uma conciliação entre as qualidades da rua-corredor da cidade tradicional e dos edifícios autônomos da cidade moderna" (Portzamparc, 1997, pg.23). Tal permeabilidade, pode ser vista no projeto do Centro Empresarial Itaú, em Conceição, São Paulo, onde um extenso espaço público no térreo é o principal conector entre os blocos.



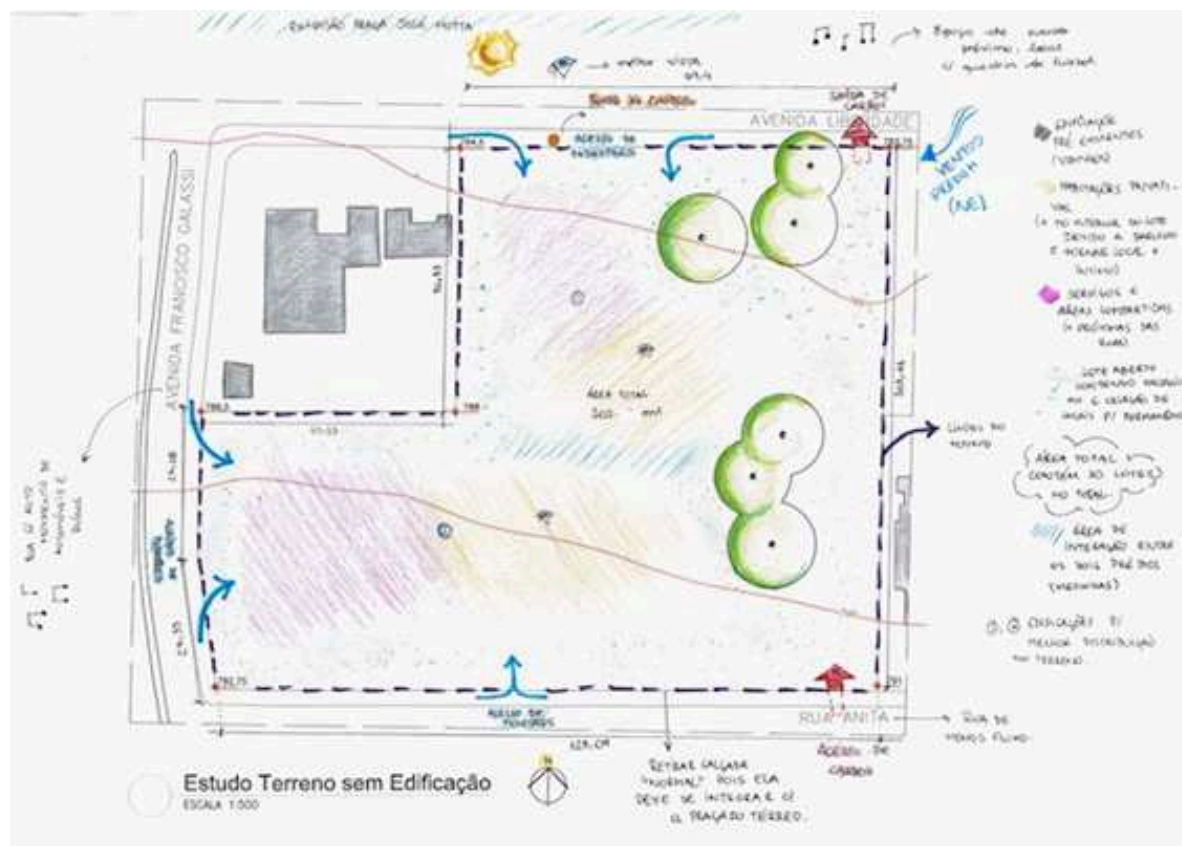
( LXXXVI )

De acordo com a avaliação de Ruth Verde Zein,

Outra decisão de grande importância para o projeto foi a integração da área do terreno com a praça pública lindeira, inclusive com passagem de pedestres por dentro do conjunto [...]. O convênio entre o Grupo Itaú e a prefeitura municipal permitiu essa integração, exigindo que o tratamento das áreas públicas fosse executado às expensas do CIC. Com isso obteve-se um caráter extremamente urbano, apenas encontrável no centro das grandes cidades, onde galerias e passagens particulares são uma extensão das calçadas e ruas (Zein, 1986, pg.29)

O acesso e a saída de carros do estacionamento foram posicionados próximo à via com menos movimento, a Rua Anita, para não atrapalhar a fluidez do trânsito rápido com a manobra dos carros. As vagas para pessoas com necessidades especiais (PNE) e as docas, determinadas pelo plano diretor da cidade, foram cogitadas próximo à Avenida

Liberdade, ao lado de uma das edificações, para facilitar a utilização pelos seus usuários e por ser um local próximo a uma via conectora com o restante da cidade.



( LXXXVII )

( LXXXVII ) Estudo de manchas. Fonte: Lopes, 2018.



## Sobre a forma

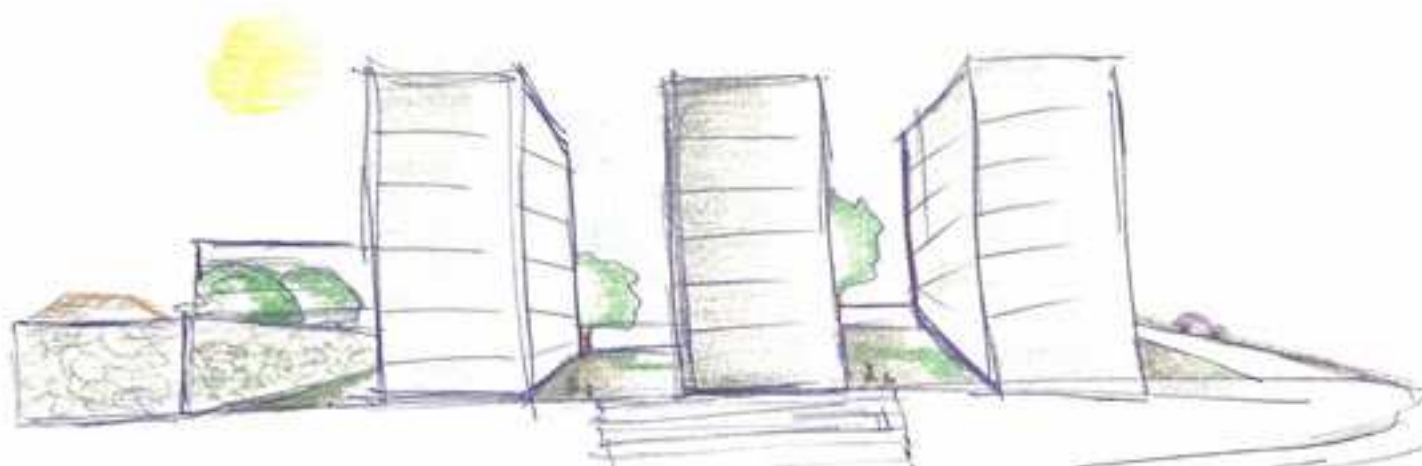
Para delimitar a forma, estudei algumas volumetrias que pudessem aproveitar ao máximo o tamanho do terreno, unido a uma aparência atrativa capaz de chamar as pessoas para conhecerem o empreendimento.

Pela extensão, formato do lote e usos existentes no coliving COM PARTILHA, decidi que apenas um edifício não seria o suficiente, a explosão de blocos seria mais interessante. Mantendo a distribuição feita pelo estudo de manchas junto a uma maquete física, fui dispendo os volumes pelo terreno.

Na minha concepção, se eu fizesse com que as pessoas pudessem se descolar entre os blocos através de uma praça térrea agradável eu induziria as pessoas a se encontrarem nesses "caminhos".

Como um dos conceitos mais importantes deste trabalho é o encontro entre as pessoas, desenhar edificações muito altas não eram o propósito, de acordo com Jan Gehl, no livro "Cidades para pessoas", no capítulo "Os sentidos e a escala", o contato entre os edifícios e a rua somente é possível nos primeiros cinco andares, a partir disto, a visão se dissipa para uma interface focada em vistas, nuvens e aviões. Deste modo, para não perder esta proximidade e para não criar barreiras para os ventos predominantes, estabeleci que os blocos do COM PARTILHA teriam no máximo sete andares.

O formato deles veio através de um gosto meu pela arquitetura moderna junto ao estudo do entorno, onde a maioria das edificações aparecem com um traçado mais linear e sóbrio. Ademais, blocos razoavelmente baixos com uma arquitetura reta/horizontal convidam os indivíduos a seguir em frente e adentrarem por entre os edifícios.



## Sobre os espaços e os usos

A partir da topografia levemente inclinada, a praça térrea contará com espaços de convivência em patamares diferentes, de maneira com que a passagem do pedestre não seja monótona e que ele consiga se dirigir para onde quiser, aproveitando e contemplando o espaço. Foram projetadas arquibancadas-escadas para que os mesmos pudessem sentar e viver o espaço quando quisessem.

As mangueiras pré-existentes, com seu tamanho robusto, serão responsáveis por gerarem sombras em alguns espaços de permanência e irão compor o paisagismo do local. A praça térrea será responsável por interligar os blocos, e os transformar em um conjunto.

“O ambiente dos pedestres é animado e vibrante. Atividade gera atividade. Caminhar é atraente e seguro e pode ser altamente produtivo quando as calçadas e vias de pedestres são movimentadas e plenas de atividades e serviços no nível da rua, tais como lojas com vitrines e restaurantes. Por sua vez, uma circulação intensa de pedestres aumenta a exposição de lojas e serviços e promove maior vitalidade da economia local. As interações visuais entre as áreas interna e externa das edificações promovem a segurança do ambiente dos pedestres por meio da observação e vigilância passiva e informal. Todos os tipos de usos do solo são relevantes à ativação das ruas e à observação informal—não somente lojas e restaurantes, mas também vendedores informais, escritórios e residências. A oferta de conexões sem fio é um importante e crescente elemento de ativação e segurança dos espaços públicos.

(10 Princípios de Mobilidade Compartilhada para Cidades mais Humanas, ONG ITDP, 2017.)

”

Com este trecho retirado de um documento feito pela ONG ITDP, reafirmo a importância e as principais consequências de implantar usos comerciais e serviços no empreendimento.

## Cálculos

A partir dos cálculos feitos através das condicionantes dadas pelas normas da prefeitura de acordo com a ZR2, é possível perceber que o tamanho e a quantidade de blocos pensados para o projeto estão dentro do limite permitido pela legislação, e que afastamentos frontais, devido à altura máxima de sete pavimentos devem ser de 4,90m, assim como os laterais e o fundo. Foram pensadas em 4 edificações para compor o conjunto de moradia compartilhada, logo:

Área do lote = 8.990m<sup>2</sup>

Taxa de ocupação

60% permitido segundo a legislação.

60% de 8.990m<sup>2</sup> = 5.394m<sup>2</sup> (permitido)

Coefficiente de aproveitamento = 2,75

Área do terreno (10.193m<sup>2</sup>) x coef. de aproveitamento (2,75) = 24.722m<sup>2</sup>

Afastamentos

Cálculo de afastamento frontal

$$H/10 + 2,10 = x$$

$$H=28m (7.4m)$$

$$PD = 4$$

$$28/10 + 2,10 = 4,9m$$

Cálculo de afastamento fundo e laterais

$$H/10 + 2,10 = x$$

$$H=28m (7.4m)$$

$$PD = 4$$

$$28/10 + 2,10 = 4,9m$$

Taxa de permeabilização = 20% do terreno

Logo,

20% de 10.193m<sup>2</sup> = 1.798m<sup>2</sup> tem que ser permeável.

Área total construída

$$\text{Bloco 1: } 469,00 \text{ m}^2 \times 2 = 938,00\text{m}^2$$

$$\text{Bloco 2: } 562,00\text{m}^2 \times 4 = 2.248,00\text{m}^2$$

$$\text{Bloco 3: } 550\text{m}^2 \times 6 = 3.300,00\text{m}^2$$

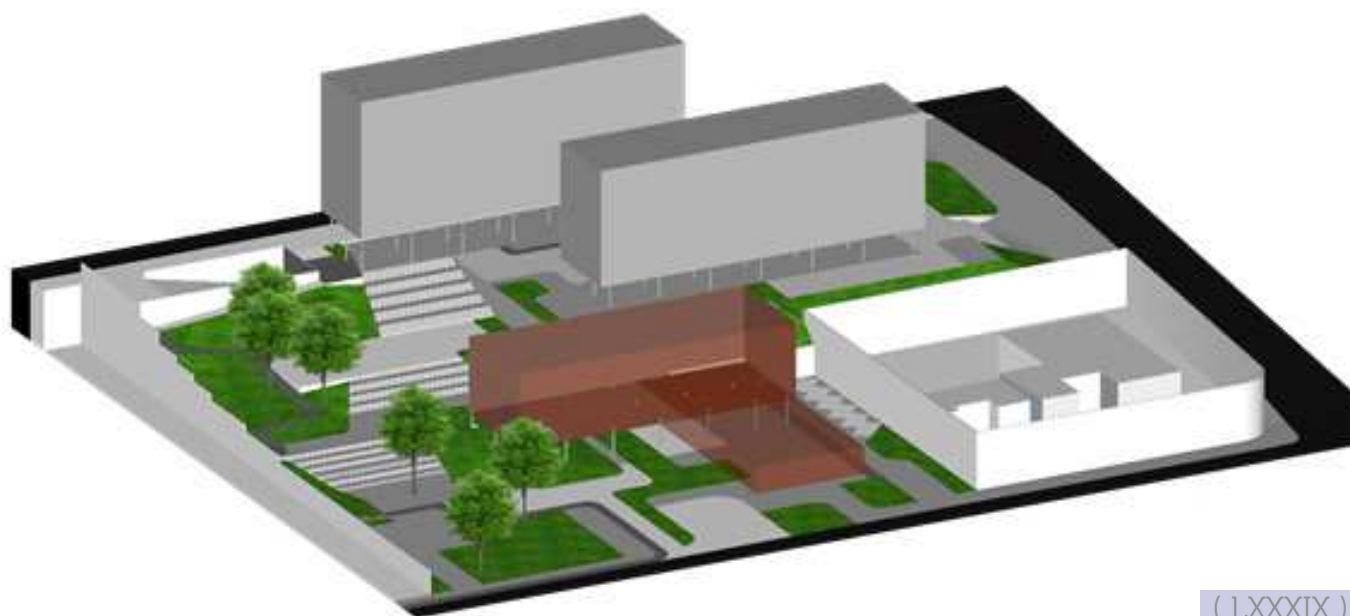
$$\text{Bloco 4: } 550 \times 7 = 3.850,00\text{m}^2$$

$$At = 10.568\text{m}^2$$

A quantidade total de área construída, será um pouco menor em relação ao cálculo com o coeficiente de aproveitamento, pois após os estudos do entorno, estudos dos ventos e condicionantes naturais, a relação com a vizinhança imediata, o gabarito adjacente e o conceito de encontros do conjunto, percebi que a melhor solução seria optar por edificações mais baixas e visualmente mais próximas das vias públicas, assim como defendido por Jan Gehl, no livro Cidade para as Pessoas.

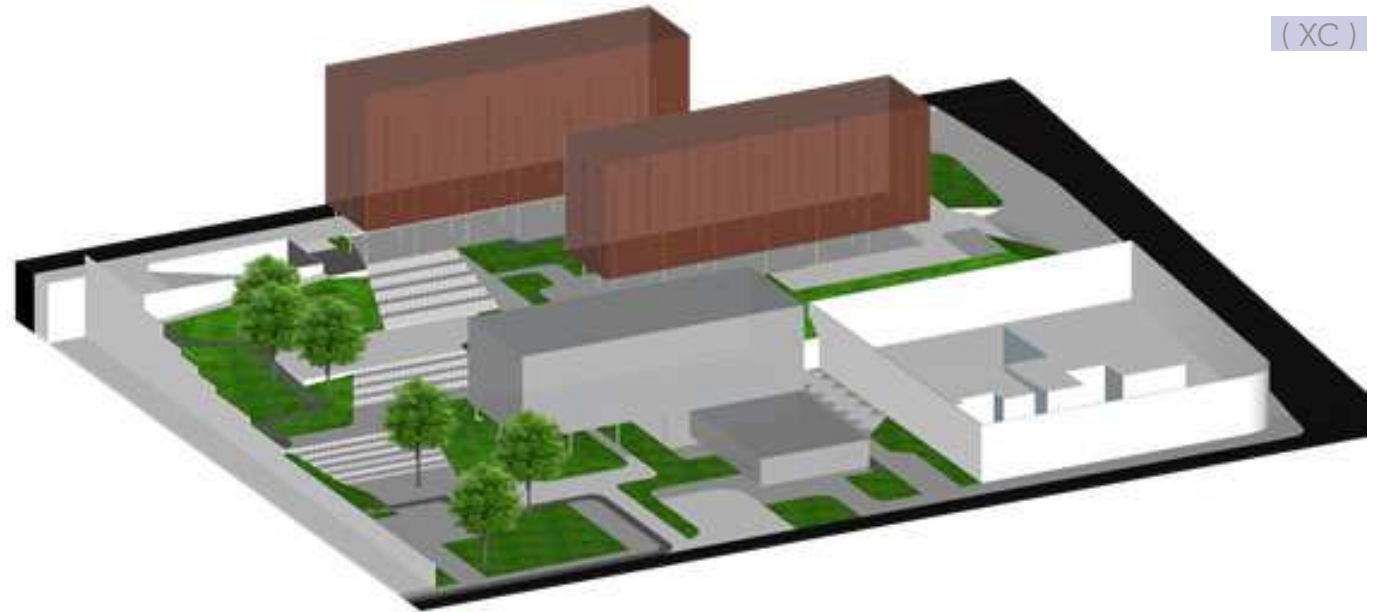
## Sobre os impactos

Bom, após os cálculos necessários e as decisões tomadas em relação a forma e quantidade de blocos, pude analisar mais precisamente quais seriam os impactos de um empreendimento deste na região escolhida. Serão projetados quatro blocos ao todo, sendo o primeiro deles com dois pavimentos e o segundo com quatro, ambos comerciais, com usos como coworking, espaços para aluguel, auditório, um café/bar, espaços para exposições e uma papelaria. Tais blocos ficarão próximos a Avenida Liberdade.



( LXXXIX )

Os outros dois blocos, com seis andares cada um, mais próximos a rua Anita, terão o térreo composto por lojas e estabelecimentos de serviços, entretanto os demais pavimentos serão constituídos com habitações privativas e espaços compartilhados entre os moradores.



(XC)

A população média por unidade habitacional de acordo com o IBGE é de 3,2 pessoas. Entretanto, o projeto de moradia compartilhada COM PARTILHA, contará com seis habitações privativas por andar, as quais possuem capacidade confortável para dois habitantes. Dessa maneira, ambas as edificações com seis andares comportarão uma média de 36 moradores cada, totalizando 72 residentes no conjunto de moradia compartilhada.

Ademais, por consequência da quantidade de usos propostos e por serem edifícios mistos, o fluxo de pessoas e de carros na região aumentará, visto que, o local anteriormente servia apenas de passagem principalmente para quem fosse utilizar os pontos de ônibus próximos. Esta ascensão nas atividades, também promove uma certa segurança no local, pois constantemente haverá indivíduos se deslocando neste espaço. O estacionamento e a rua Anita, via local e de menor movimento, auxiliarão na diminuição das consequências nas vias de maior fluxo.

A grande praça no térreo servirá de espaços de permanência e convivência para vizinhos e pessoas que por ali moram e trabalham, além de complementar a praça José Motta. O coworking e os comércios existentes no conjunto poderão gerar empregos para indivíduos que residem nas proximidades.

Enfim, todos os impactos descritos acima demonstram a quantidade de encontros e trocas de experiências que o COM PARTILHA irá gerar.

## O projeto



( XCI )

Visando proporcionar vistas diferentes para cada ângulo do observador, as fachadas das edificações foram pensadas para serem divergentes umas das outras sem deixarem de auxiliar nas limitações climáticas e pensar na vizinhança.

Para a fachada norte, foi desenvolvido um brise metálico horizontal fixo, que além de diminuir

( XCI ) Projeto inserido no terreno com entorno. Fonte: Lopes, 2018.

a intensidade do sol, gera uma identidade visual para o projeto. O desenho linear, a materialidade e a cor, forma pensados para chamar atenção das pessoas que circulam pela região e a semi permeabilidade visual que ele proporciona, desperta a curiosidade dos indivíduos em relação aos usos que existem dentro de cada bloco.



( XCII )

A fachada Oeste, que é uma das que pega mais sol em relação ao estudo feito através da Carta Solar, foi projetada de duas maneiras, nas edificações próximas a Av. Liberdade, devido também a uma residência vizinha próxima, foi feita uma fachada cega que evita qualquer tipo de interação visual que retire a intimidade das pessoas que estão vivenciando o coliving e de seu entorno. Já as fachadas deste mesmo lado, mas dos prédios onde encontramos as habitações privativas, foram planejadas pequenas varandas consequentes de recuos das esquadrias internas do projeto. Nestas, as lajes são as responsáveis por cortar a intensidade do sol que penetra nos ambientes.

A fachada Sul também recebe o mesmo brise utilizado na fachada Norte, todavia, para diferenciar e aproveitar ainda mais a luminosidade recebida por esta face, foram pensadas interrupções no brise e nestas, instalei vidros translúcidos que promovem uma interação entre interior e o exterior da edificação. Um exemplo onde isto acontece, é atrás do auditório, onde quem está andando pela praça do coliving consegue sentar assistir ao espetáculo pela área externa.

Por fim, para as fachadas Leste, pensei na instalação de esquadrias de vidro fixo, com a intenção de valorizar a vista dos espaços da praça e do paisagismo projetado.

Devo ressaltar que, posterior a todos os brises, serão instaladas peles de vidros fixas com aberturas para ventilação.

Em relação as estruturas, o projeto foi idealizado utilizando pilares arredondados metálicos recuados em relação aos fechamentos dos blocos, proporcionando leveza as edificações e sem interferir nas fachadas. A utilização de recuos nas plantas térreas e vidro como material de fechamento dos comércios e serviços, também sustenta o conceito de um bloco leve.

O estacionamento, assim como dito anteriormente terá menos vagas do que o sugerido pela lei municipal da ZR2. Este foi localizado com entrada e saída a partir da via de menos fluxo e tem acesso aos eixos de cada bloco para facilitar o trânsito de pessoas que forem utilizar este espaço. Vagas reservadas para bicicletas, uma pequena oficina e um depósito com ferramentas compartilhadas foram inseridas no local.

A pavimentação do piso da praça que une todos

os edifícios, foi desenhada para contrapor a linearidade dos blocos através de curvas e algumas angulações. Canteiros foram criados com os desenhos originados pelos traços, foi escolhido um piso drenante para os caminhos do passante, que aparece ora cinza escuro ora cinza mais claro. As escadas e as rampas também seguem o desenho proposto e possuem uma tonalidade mais escura que demarcam seu caminho e passagem.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ A sensação de generosidade espacial que sua estrutura permite aumenta o grau de convivência, de encontros, de comunicação. Quem der um grito, dentro do prédio, sentirá a responsabilidade de ter interferido em todo o ambiente. Aí, o indivíduo se instrui, se urbaniza, ganha espírito de equipe.  
(FERRAZ, 1997, p. 101)

Chego ao fim do meu trabalho de conclusão de curso, acreditando que espaços que induzem ao encontro e a socialização entre os cidadãos deveriam ser cada vez mais valorizados e explorados pela arquitetura contemporânea, principalmente na conjuntura atual e digital que nos encontramos, onde existe uma crescente independência dos indivíduos que não sentem mais necessidade em intera-

gir com outras, a não ser virtualmente. O compartilhamento de ambientes cria oportunidades de interação entre as pessoas e ainda acompanha as novas formas de viver, morar e de trabalhar que tanto vem se modificando e se flexibilizando desde que as tecnologias, principalmente a internet, foram avançando. Ademais, quando se compartilha, diminuimos custos e colaboramos com a natureza, desafios presentes na sociedade vigente.

Acredito que a arquitetura precisa agir de forma a criar cidadãos, e não potencializar seus vícios e “defeitos”. A ideia de compartilhar espaços traz inúmeros desafios, provenientes principalmente da convivência de pessoas diferentes em um ambiente comum, todavia, acredito que este também seja o maior potencial do COM PARTILHA, a criação de indivíduos capazes de dialogar, resolver proble-

mas, auxiliar uns aos outros e se importarem uns com os outros. Capacidade esta que certamente não se limitará apenas na convivência interna do coliving, e se transbordará para a vida em sociedade.



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNT. NBR 15575: Edificações Habitacionais - Desempenho. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2013.
- ABNT. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 3a.ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2015.
- Tendência Colivings. Documentário Globo News. Exibição em 26 de março de 2018. Assistido em 03/10/2018.
- Prefeitura de Uberlândia, Brasil. <http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/>. Acesso em 19/08/2018
- Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. <http://www.ufu.br/>. Acesso em 15/09/2018
- IBGE, Brasil. <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 23/11/2018
- Leis Municipais ZR2, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. <https://leismunicipais.com.br/plano-de-zoneamento-uso-e-ocupacao-do-solo-uberlandia-mg>. Acesso em 23/09/2018
- Revista Casa e Jardim, ConViver. <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Decoracao/Estilo/noticia/2018/01/coliving-conheca-tres-moradias-compartilhadas.html>. Acesso em 09/08/2018
- 3XN ARCHITECTS. <https://3xn.com/>. Acesso em 14/11/2018
- Roam Coliving. <https://www.roam.co/>. Acesso em 27/10/2018
- Roam Coliving. <https://www.roam.co/places/ubud>. Acesso em 27/10/2018
- Roam Coliving, São Francisco. <https://www.roam.co/places/sanfrancisco> Acesso em 27/10/2018
- The Collective, Old Oak, London. <https://www.thecollective.com/coliving/old-oak/>. Acesso em 22/10/2018
- London Nest, Old Oak, London. <https://www.londonnest.com/locat>

tions/the-collective-old-oak/. Acesso em 22/10/2018.

AU, AMATA, Brasil. <https://au.pini.com.br/2017/10/triptyque-projeta-edificio-que-sera-construido-totalmente-com-madeira-certificada/>. Acesso em 14/10/2018.

Archdaily. AMATA. Brasil. <https://www.archdaily.com.br/br/879936/triptyque-divulga-projeto-de-edificio-escalonado-de-madeira-certificada-na-vila-madalena>. Acesso em 14/10/2018.

Vitruvius. Quadra aberta. Brasil. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.124/3819Christian>. Acesso em 10/09/2018.

Archdaily, Moradia Estudantil, Brasil. <https://www.archdaily.com.br/br/tag/moradia-estudantil>. Acesso em 12/10/2018.

KOOLHAAS, Rem. Três textos sobre a Cidade. A cidade Genérica. pg 31-65, 1978. 3ª reimpressão em 2014.

PORTZAMPARC, C. A terceira era da cidade. In: Revista Ócolum, n. 9, Fau Puccamp, Campinas, 1997.

AMORIM, Fernando de Oliveira. A Terceira era da Cidade em Christian de Portzamparc: mais do mesmo? p.180-194, 2009.

ZEIN, Ruth Verde. Centro Itaú Conceição: exercício de urbanismo. Projeto, São Paulo, n. 85, mar. 1986, p. 29

ESTANQUES, Elísio. As Repúblicas de Coimbra, entre o Passado e o Presente (Parte 1). Coimbra, 2006. (mimeo)

Associação Acadêmica de Coimbra. Portugal. Disponível em: <http://www.academica.pt/republicas/>. Acesso em 27/10/2018.

BITTENCOURT, Jessica. Couhousing, uma alternativa de de habitat coletivo. 2015.2. Projeto de Pesquisa. (Projeto de Pesquisa – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Arquitetura, Curso de Arquitetura e Urbanismo).

SCOTTHANSON, Chris; SCOTTHANSON, Kelly .The Cohousing Handbook: Building a place for community. 1ªed. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers, 2004.

TRAMONTANO, Marcelo. Novos modos de vida, novos espaços de morar - Paris, São Paulo e Tóquio: uma reflexão sobre habitação contemporânea. 1998 b. Tese de Doutorado. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). 1998 b.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes Editora, 2012.

NOMADS.USP. 97\_07: dez anos de morar urbano no Brasil. Relatório de pesquisa. São Carlos: EESC-Universidade de São Paulo, 2007.

CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RSA, Action and Research Centre. Registered as a charity in England and Wales no. 212424. [https://www.thersa.org/globalassets/pdfs/reports/rsa-co-living\\_final.pdf](https://www.thersa.org/globalassets/pdfs/reports/rsa-co-living_final.pdf). Acesso em 02/11/2018.

GEHL, Jan. Cidades Para Pessoas. Copenhague. Fevereiro, 2010.

NEVES, Hugo. Automação e Adaptatividade – Arquitetura da Era Digital. 2018. Projeto de Conclusão de Curso. (Projeto de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Arquitetura e Urbanismo.)

NARDELLI, Gabriel. Coliving Espírito Santo. 2018. Projeto de Conclusão de Curso. (Projeto de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Belo Horizonte, Curso de Arquitetura e Urbanismo.)

GORVAL, Margo. Coworking&Coliving center in Kyiv. 2018. Projeto de Conclusão de Curso. (Kyiv national university of construction and architecture (KNUCA)

Instituição de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP). <https://itdpbrasil.org/>. Acesso em: 22/02/2019.

